

Major QOPM LORIVAL DA CUNHA SOBRINHO
Major QOPM NERINO MARIANO DE BRITO

**O ESTRESSE CAUSADO PELO SERVIÇO POLICIAL NOS COMPONENTES
DAS RONDAS OSTENSIVAS DE NATUREZA ESPECIAL (RONE)
DA COMPANHIA DE POLÍCIA DE CHOQUE (Cia P Chq)**

Monografia apresentada à disciplina de Metodologia da Pesquisa, do Curso Superior de Polícia – Especialização ao Nível Estratégico de Doutorado em Segurança Pública - Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: **Prof^ª. Dr^ª. Helena de Fátima Nunes Silva**

Orientadora de conteúdo: **Ten.-Cel. QOPM Heraldo Régis Bório da Silva**

CURITIBA

2009

Dedicamos este trabalho às nossas famílias, razões de nossa força, dedicação e tranqüilidade, pelo apoio incondicional, paciência, amor e carinho que nos prestaram durante a realização do curso e, principalmente, pela compreensão pelo vários momentos de nossas ausências.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, benção e proteção.

À assistente social do Centro Terapêutico do Hospital da Polícia Militar, Sr^a Joelma Arlindo Viana; à Dr^a Gisele Laguna Vitória, médica psiquiatra do Hospital da Polícia Militar; e ao 1^o Ten. QOPM Gustavo Dalledone Zancan, respondendo pelo Comando da RONE, os quais enriqueceram muito esta pesquisa com suas entrevistas.

Aos policiais da RONE que responderam aos questionários solicitados.

Ao Major Rui Rota da Purificação, Comandante da Companhia de Polícia de Choque, que autorizou que seus policiais fossem questionados neste estudo.

À Dr^a. Helena de Fátima Nunes Silva e ao Ten.-Cel. QOPM Heraldo, as quais orientaram brilhantemente nossa pesquisa.

A todos aqueles que direta ou indiretamente auxiliaram nesta caminhada, o especial e reconhecido agradecimento.

RESUMO

Monografia sobre o estresse causado pelo serviço policial nos componentes das Rondas Ostensivas de Natureza Especial (RONE) da Companhia de Polícia de Choque da PMPR. Objetiva verificar o nível de estresse desses policiais, além de verificar a existência e a viabilidade da adoção, por parte da Polícia Militar do Paraná, de um sistema de atendimento preventivo aos militares estaduais pertencentes a este grupo de elite. Tem como outro objetivo levantar, por meio de pesquisa, os fatores que contribuem para o estresse dos policiais da RONE e levantar dados a respeito da carga de trabalho da RONE, com relação ao quantitativo de ocorrências policiais e com relação à qualidade de seu atendimento. O encaminhamento metodológico permite colher dados em questionários aplicados, entrevistas realizadas e pesquisa teórica cujos resultados apontam que a proposta mais adequada para o problema é a criação de um sistema preventivo contra o estresse, podendo ser incluídas algumas outras doenças laborais nesse tratamento, junto ao efetivo da RONE. Além disso, sugere-se ser estipulado um período máximo de permanência do policial militar nas fileiras da RONE e a necessidade de uma melhor adequação, dentro da escala de serviço, com horários pré-estipulados para o estímulo ao esporte e ao lazer a fim de minimizar os efeitos negativos da rotina estressante de trabalho por que são submetidos esses profissionais.

Palavras-Chave: Estresse. RONE. Polícia Militar do Paraná. Prevenção. Tratamento.

ABSTRACT

Monograph on the stress of police service in the components of rounds ostensive special nature (RONE) of the company police shock PMPR. Aims to verify the level of stress of police officers and verify the existence and feasibility of adoption by the Military Police of Paraná, a system of preventive care to the military state belonging to this elite group. Another goal is to raise, through research, the factors that contribute to the stress of police RONE and collect data about the workload of RONE, regarding the quantity of police and the quality of their care. The routing methodology to collect data from questionnaires, interviews and theoretical research results indicate that the proposal best suited to the problem is to establish a preventive system against stress, which may be included in some other work-related diseases in this treatment, with the effective the RONE. Furthermore, should stipulate a maximum stay of military police in the ranks of RONE and the need for a better match, within the range of service, with pre-set times to stimulate the sport and leisure in order to minimize the effects negative stressful routine of work that are submitted by these professionals.

Keywords: Stress. Rone. Military Police of Paraná. Prevention. Treatment

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	- IDADE DO PM QUESTIONADO.....	42
GRÁFICO 2	- CONSIDERAÇÃO DO PM SOBRE SUA JORNADA DE TRABALHO QUANTO À INCIDÊNCIA DO ESTRESSE.....	43
GRÁFICO 3	- TEMPO EM QUE O PM TRABALHA NA RONE.....	43
GRÁFICO 4	- ESCALA DE SERVIÇO CUMPRIDA PELO PM DA RONE.....	44
GRÁFICO 5	- EFETIVO DA RONE É SUFICIENTE PARA O BOM DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DA UNIDADE, SEM CAUSAR DESGASTE FÍSICO E MENTAL NOS POLICIAIS.....	45
GRÁFICO 6	- SITUAÇÕES EM QUE O PM SE ENVOLVE DURANTE A SUA JORNADA DE TRABALHO APRESENTAM UM ALTO GRAU DE PERICULOSIDADE.....	45
GRÁFICO 7	- FREQUÊNCIA DE ESCALAS EXTRAS A QUE O PM DA RONE É SUBMETIDO.....	46
GRÁFICO 8	- FREQUÊNCIA DE ATIVIDADES DE LAZER DENTRO DO AMBIENTE PROFISSIONAL.....	47
GRÁFICO 9	- PARTICIPAÇÃO EM CONFRONTO ARMADO.....	47
GRÁFICO 10	- OCORRÊNCIA DO PM DA RONE ENFRENTAR UM CONFRONTO POR MAIS DE UMA VEZ.....	48
GRÁFICO 11	- OCORRÊNCIA DE ÓBITO DO MARGINAL NOS CONFRONTOS ARMADOS.....	49
GRÁFICO 12	- OCORRÊNCIA DE FADIGA APÓS A JORNADA DE TRABALHO.....	49
GRÁFICO 13	- OCORRÊNCIA DE NERVOSISMO APÓS A JORNADA DE TRABALHO.....	50
GRÁFICO 14	- OCORRÊNCIA DE IRRITABILIDADE APÓS A JORNADA DE TRABALHO.....	51
GRÁFICO 15	- OCORRÊNCIA DE SENTIMENTO DE RAIVA APÓS A JORNADA DE TRABALHO.....	51
GRÁFICO 16	- OCORRÊNCIA DE PERÍODOS DE DEPRESSÃO APÓS A JORNADA DE TRABALHO.....	52
GRÁFICO 17	- OCORRÊNCIA DE DORES NO ESTÔMAGO APÓS A JORNADA DE TRABALHO.....	53
GRÁFICO 18	- OCORRÊNCIA DE DORES NO MÚSCULO DO PESCOÇO E OMBROS APÓS A JORNADA DE TRABALHO.....	53
GRÁFICO 19	- OCORRÊNCIA DE DIFICULDADE PARA DORMIR APÓS A JORNADA DE TRABALHO.....	54
GRÁFICO 20	- HÁ QUANTO TEMPO FOI A ÚLTIMA CONSULTA DO PM A UM PSICÓLOGO OU PSIQUIATRA.....	54
GRÁFICO 21	- FREQUÊNCIA DURANTE A SEMANA DO USO DE ÁLCOOL... ..	55
GRÁFICO 22	- FREQUÊNCIA DO USO DE SUBSTÂNCIA ENTORPECENTE.. ..	55
GRÁFICO 23	- ESTADO CIVIL.....	56
GRÁFICO 24	- INTERFERÊNCIA DA ATIVIDADE PROFISSIONAL NA RELAÇÃO CONJUGAL.....	56
GRÁFICO 25	- DESEJO DE COMETER SUICÍDIO.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.	– Artigo
Cap.	– Capitão
Cel.	– Coronel
CF	– Constituição Federal
Cia. P. Ch.	– Companhia de Polícia de Choque
COE	– Comandos e Operações Especiais
CPC	– Comando do Policiamento da Capital
Ed.	– Edição
Exmo.	– Excelentíssimo
INTERNET	– Rede Internacional de Computadores
NGA	– Normas Gerais de Ação
P.	– página
PB	– Ponto Base
PM	– Policial Militar
PMESP	– Polícia Militar do Estado de São Paulo
PMPR	– Polícia Militar do Paraná
QOPM	– Quadro de Oficiais Policiais-Militares
RONE	– Rondas Ostensivas de Natureza Especial
RR	– Reserva Remunerada
SAS	– Serviço de Assistência Social
Sr.	– Senhor
Ten.-Cel.	– Tenente-Coronel

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMA	11
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 Objetivo Geral	13
1.2.2 Objetivos Específicos	13
1.3 JUSTIFICATIVA	14
2 LITERATURA PERTINENTE	16
2.1 HISTÓRICO DO TERMO ESTRESSE	16
2.2 O ESTRESSE: ASPECTOS CONCEITUAIS	17
2.3 O ESTRESSE E O TRABALHO	18
2.4 O ESTRESSE POLICIAL	21
2.5 O ESTRESSE E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DO SERVIÇO POLICIAL MILITAR	24
2.6 EFEITOS DO ESTRESSE NA CARREIRA POLICIAL	26
3 METODOLOGIA	28
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	28
3.2 COLETA DE DADOS	28
3.3 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE	29
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES	30
4.1 RESULTADO DA PESQUISA TEÓRICA/DOCUMENTAL	30
4.1.1 Efeitos Psicológicos durante o Confronto Armado	30
4.1.1.1 Tachypsychia	31
4.1.1.2 Túnel de visão	32
4.1.1.3 Exclusão auditiva	33
4.1.1.4 Profecias	33
4.1.1.5 Resposta moral	34
4.1.1.6 Perda temporária de visão	34
4.1.1.7 Efeito de esbranquecimento	34
4.1.1.8 Divisão psicológica	35
4.1.1.9 Cognitiva dissonante	35
4.1.2 Efeitos Psicológicos Pós-Confronto Armado	35
4.1.2.1 Sintomas	36
4.1.2.2 Fenômeno "Burnout"	37
4.2 RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO	39
4.2.1 Questionários	42
4.2.2 Entrevistas	58
5 PROPOSTA	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	75
APÊNDICE B - ENTREVISTAS	79

1 INTRODUÇÃO

A Polícia Militar do Paraná (PMPR) é o órgão estadual responsável pela preservação da ordem pública, por meio do policiamento ostensivo, objetivando a prevenção da mais variada gama de delitos e crimes praticados por integrantes da sociedade. Além desta função, atua de forma repressiva imediata quando esta prevenção não foi eficiente.

Esta repressão imediata executada pelos policiais militares reúne variadas ações e operações que têm por fim a restauração da ordem pública de uma forma mais branda e adequada possível, preservando vidas e cumprindo as leis, chegando sempre a uma solução que seja aceita pela sociedade.

É neste contexto regrado e complexo que o policial militar (PM) exerce suas funções, em que sofre “pressão” da sociedade e do Estado para que, muitas vezes, em frações de segundos, tome a decisão mais correta em uma ocorrência policial.

Dessa forma, verifica-se pela ciência que o ambiente de trabalho influencia na saúde dos funcionários, sendo assim a profissão policial militar não foge desta regra, já que é considerada uma das mais estressantes do mundo.

O exercício das funções do PM é uma tarefa estafante, haja vista que as condições de trabalho não são sempre favoráveis. O policial enfrenta diariamente as pressões da sociedade, em que necessita de um excelente preparo psicológico para poder contornar situações críticas envolvendo problemas dos mais variados tipos e origens.

Muitos Estados da Federação não pagam adequadamente seus policiais militares, acarretando mais problemas a esses profissionais. Com o passar do tempo, o PM começa a ter a sua capacidade de decisão diminuída, pois, verifica que o seu “cliente”, isto é, a sociedade, não confia e não reconhece o seu esforço para prover sua segurança, vindo a bombardear a saúde física e mental do militar.

O policial militar se depara constantemente com situações conflituosas, gerenciando as mais diversas ocorrências no dia-a-dia de seu trabalho, porém, não administra a origem desses problemas, focando-se nas conseqüências que podem advir desses momentos. Esses conflitos, muitas vezes, são decorrentes de problemas sociais originados pela própria omissão do Estado ou da própria sociedade, como é o caso da miséria, da falta de educação e da altíssima

desigualdade social que assola o país, trazendo conseqüências gravíssimas para o trabalho e a saúde de todos.

Este militar é cobrado a todo o momento, pois, mesmo de folga, continua tendo o dever de exercer sua profissão pela qual prestou juramento quando incorporou nas fileiras da PMPR. Sendo assim, é exigido como se fosse um homem fora do normal, como o mais forte, o superior ao tempo e às tensões, o qual não tem direito a falhar em momento algum. Porém, esquece-se que esse cidadão também tem família, sentimentos e emoções, sendo suscetível às mais variadas doenças, como qualquer membro comum da sociedade.

O PM tem obrigação de não se envolver emocionalmente nas ocorrências, pois, ele é o profissional que deve resolver a situação e não causar ainda mais problemas para a crise. Dessa forma, o estresse na profissão pode transformar os policiais, interferindo na personalidade e nos relacionamentos com os familiares, colegas e com a própria sociedade.

O estresse entra em cena quando existe o extrapolamento do limite da capacidade de suportar pressões, diminuindo a capacidade produtiva, transformando a performance profissional e a própria personalidade, provocando alterações no pensamento e nas percepções sensoriais.

Nesse contexto, dentro deste estudo, trata-se mais especificamente dos policiais militares que atuam nas Rondas Ostensivas de Natureza Especial (RONE) da Companhia de Polícia de Choque (Cia. P. Chq.) do Estado do Paraná. Esses profissionais policiais são submetidos diariamente a pressões e tensões muito altas em seu ambiente de trabalho comparativamente com os demais profissionais que trabalham nas radiopatrulhas ou administrativamente nos quartéis.

Eles mantêm um estreito e continuado contato profissional com situações limite, tais como a morte, ferimentos graves e instabilidades de natureza variada. Por isso, os policiais da RONE merecem estudos específicos a fim de verificar a situação atual do estresse causado pelo serviço policial, visando à proposta de melhorias da qualidade de vida desses militares.

1.1 PROBLEMA

É notório que o estresse é uma grave doença e um problema que assola as mais variadas profissões do mercado de trabalho. A profissão policial militar pode ser considerada como uma das mais estressantes e estafantes desse universo, pois, reúne condições e características suficientes para que os limites normais de pressão e tensão sejam ultrapassados facilmente.

Esse estudo busca focar os profissionais da Polícia Militar do Paraná, em específico aqueles que desempenham suas funções nas Rondas Ostensivas de Natureza Especial (RONE) da Companhia de Polícia de Choque.

Verifica-se o estresse a que está submetido o policial da RONE e, de que maneira essa doença interfere na qualidade dos serviços prestados para a sociedade, além das eventuais conseqüências nas relações com os familiares.

É interessante verificar que a Cia. P. Chq. da Polícia Militar do Paraná é dividida em três subunidades: Comandos e Operações Especiais (COE), Canil e Rondas Ostensivas de Natureza Especial (RONE). Onde cada um desses pelotões possui suas missões específicas dentro do panorama estadual.

As Rondas Ostensivas de Natureza Especial são forças militares especiais da Polícia Militar do Paraná, para a manutenção da ordem pública no Estado do Paraná; atuam em apoio às demais unidades operacionais no policiamento extensivo, constituindo a força de reação do comando, agindo na condição de tropa de choque em situações específicas. Constituem-se basicamente em uma tropa especializada, focada no combate à criminalidade violenta, atendendo casos como roubos executados por quadrilhas e gangues, latrocínio, extorsão mediante seqüestro e tráfico de entorpecentes.

A RONE é composta por viaturas de médio porte, geralmente com quatro ou cinco policiais militares, e armamentos e equipamentos específicos, como uniformes camuflados, que propiciam melhores condições de progressão. Seu principal objetivo é a forte capacidade de ação, reação na repressão e prevenção de crimes, principalmente por meio de abordagens e buscas pessoais.

Assim, nota-se que a Polícia Militar do Paraná dispõe de uma tropa especializada em situações críticas e conflituosas, exposta a níveis de estresse elevado, sendo que a calma sempre deve prevalecer. Dessa forma, este estudo serve para verificar o estresse causado pelo serviço policial nos policiais

pertencentes às Rondas Ostensivas de Natureza Especial da Polícia Militar do Paraná, os quais são pessoas comuns cujas personalidades devem ser preservadas, podendo viver com saúde, dispondo de uma qualidade de vida adequada, apesar de sofrerem diversas pressões e tensões em seu ambiente de trabalho.

Diante do que foi exposto, um dos problemas foi verificar se o trabalho nas Rondas Ostensivas de Natureza Especial é causador de estresse, além de tentar identificar o nível desse problema caso fosse verificado.

Como relação aos resultados esperados, busca-se pontuar de que forma que essa doença do estresse atua na vida desses policiais, e de que maneira que a sua qualidade de vida pode ser maximizada visando sempre a uma melhor prestação do serviço de segurança pública para a sociedade, pois é notório que uma pessoa sob forte influência do estresse sofre alterações fisiológicas, psicológicas e comportamentais, sendo que, não raras vezes, o problema é estendido para o seio familiar, gerando dificuldades de maiores proporções.

O presente estudo é de fundamental importância em face da significância e da necessidade que os agentes policiais da RONE representam para a sociedade, bem como, o resultado de toda a energia despendida no cumprimento dos deveres e obrigações que a função lhes impõe.

Na qualidade de prepostos do Estado, os policiais militares das Rondas Ostensivas de Natureza Especial são submetidos à forte influência do estresse, fruto do compromisso quanto à qualidade dos serviços prestados, bem como, da pressão imposta por intermédio da responsabilidade institucional.

Tais fatores podem contribuir para o comprometimento da qualidade dos serviços oferecidos pelos militares em questão, redundando em afastamentos prolongados. Estreito e continuado contato profissional com situações limite, como por exemplo: morte, ferimentos graves, estupros, latrocínios, etc. são capazes de causar danos permanentes ao indivíduo: desde leves alterações no sistema imunológico até situações de doença crônica como pressão alta, complicações no sistema cardio-respiratório, síndromes ou dependências químicas diversas.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos desse estudo se subdividem em um objetivo geral e cinco objetivos específicos, como se verá a seguir.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral do estudo é analisar o nível de estresse a que estão submetidos os policiais militares classificados nas Rondas Ostensivas de Natureza Especial da Companhia de Polícia de Choque da PMPR.

1.2.2 Objetivos Específicos

Constituem objetivos específicos do estudo:

- Verificar na literatura e junto ao Serviço de Assistência Social (SAS) soluções visando minimizar o estresse dos policiais militares lotados na RONE e maximizar a qualidade de vida desses profissionais.

- Levantar, por meio de pesquisa de campo, o nível de estresse profissional desses trabalhadores.

- Verificar, por meio de pesquisa de campo, os fatores que contribuem para o estresse desses policiais.

- Levantar, por pesquisa documental, dados a respeito da carga de trabalho da RONE, com relação ao quantitativo de ocorrências policiais e com relação à qualidade de seu atendimento.

- Verificar a disponibilidade de tratamentos e apoio psicológico para os policiais dentro da PMPR.

1.3 JUSTIFICATIVA

Verificando o problema acima exposto, cabe agora explicar o motivo pela escolha de tal tema. O que é fundamental é a relevância do trabalho desses policiais para a sociedade, pois são integrantes da tropa mais especializada e preparada da PMPR para atuar em situações críticas em que haja a necessidade de uma pronta resposta do Estado. Portanto, o possível estresse pelo qual esses policiais podem estar passando é passível de estudo a fim de prevenir possíveis distorções comportamentais desses profissionais em seu trabalho diário.

Porém, nesta pesquisa não se pretendeu chegar ao esgotamento do tema, em face da inexistência de profissionais ligados à área (psiquiatras e/ou psicólogos), junto à equipe responsável pelo trabalho monográfico. Todavia, o assunto é de tamanha relevância, almejando com transparência, trazer a lume o alerta sobre as conseqüências oriundas pela exposição continuada, sob efeito de elevado estresse, dos recursos humanos ora tratados.

A seriedade do tema demanda da necessidade de se minimizar a exposição permanente da Instituição perante a opinião pública, o que pode ser realizado por intermédio de programas de redução do estresse e seus efeitos, visando à busca pelo grau de excelência nos serviços prestados por operadores da RONE.

Portanto, o resultado deste trabalho é extremamente relevante no que tange à melhoria da qualidade de vida desses profissionais e, por conseqüência, da sensação de segurança repassada para a população em geral por intermédio das ações e operações policiais militares executados por estes trabalhadores.

Dessa forma, para que qualquer atividade profissional seja executada com sucesso é fundamental que o agente executor tenha segurança e tranquilidade nas ações que está desempenhando, a fim de que o resultado seja o melhor possível. Em especial, a atividade policial-militar exige um grande esforço, pois lida com os valores mais importantes do ser humano, como a vida, a liberdade, a família, os bens materiais, além de outros; e uma ação mal executada pode deixar “sequelas” irreparáveis na vida das pessoas.

Por fim, soma-se na motivação em buscar solução para a presente questão a especialização dos autores – Major Lorival (Curso de Especialização em Policiamento Montado – Categoria Oficiais, desenvolvido no Regimento de Polícia Montada “Coronel Dulcídio”, 1999) e a experiência profissional (vinte anos de serviço

desempenhados no Regimento de Polícia Montada “Coronel Dulcídio”; Major Nerino – (Curso de Controle de Distúrbios Cíveis – Categoria Oficiais, desenvolvido na Academia Policial Militar do Guatupê, 1989) e a experiência de ter sido classificado por mais de dez anos na Companhia de Polícia de Choque, inclusive tendo comandado pelotões da RONE.

Portanto, estes autores possuem cabedal considerável em serviços desempenhados tanto no Regimento de Polícia Montada “Coronel Dulcídio”, quanto na Tropa de Choque da PMPR. Já atuaram nas mais variadas situações policiais, desde policiamento hipomóvel preventivo realizado em bairros residenciais de Curitiba, até o desempenho de funções de comando de tropa em ações de controle de distúrbios cíveis, como greves e reintegrações de posse.

Com a base profissional adquirida ao longo de uma carreira, pode-se verificar que a legislação a respeito do assunto em questão é muito vasta e ampla e, logicamente, deve ser seguida à risca para que não se acabem cometendo abusos de poder ou quaisquer arbitrariedades.

A sociedade espera que o profissional de segurança pública, em especial o policial militar, detentor do poder de polícia, seja perfeito em suas ações. Erros não são admitidos nem aceitos facilmente, pois os principais valores que a população detém estão “nas mãos” desses profissionais.

2 LITERATURA PERTINENTE

Neste capítulo, é apresentada, a partir de pesquisa bibliográfica realizada, a literatura pertinente necessária para que os dados coletados nas pesquisas e entrevistas executadas possam ser analisados adequadamente com o tema em estudo.

2.1 HISTÓRICO DO TERMO ESTRESSE

Segundo Volney Lopes de Araújo Costa:

...o termo estresse tem origem inglesa "stress". Fala ainda que a física foi a área em que essa palavra foi muito usada inicialmente, visando exprimir o grau de deformidade sofrido por um material, quando submetido a um esforço ou tensão...(COSTA, 2005, p. 20)

A área das ciências físicas e humanas começou a utilizar esse termo a partir de 1936, quando o médico Hans Selye conceituou o estresse como sendo:

...uma síndrome produzida por vários agentes nocivos, os quais são determinantes do enfraquecimento geral do organismo, deixando o indivíduo doente...(SELYE, 1956, p.110)

A partir da Segunda Guerra Mundial, os estudos relativos a este assunto são potencialmente desenvolvidos. Já nos anos cinqüenta, verificou-se que, apenas nos Estados Unidos, foram publicados em torno de seis mil publicações por ano sobre o tema, sendo que em quase na sua totalidade utilizavam como base a fisiologia. Na década de 1970, a relevância foi em cima da área psicológica, a partir da influência mútua com fenômenos biológicos na origem de distúrbios psicossomáticos.

Nos dias atuais, as principais pesquisas relatadas em estudos e em publicações tratam do assunto em voga com ênfase na qualidade de vida da sociedade, não apenas verificando as conseqüências no âmbito fisiológico e psicológico.

A profilaxia do estresse é parte fundamental dos estudos atuais, os quais analisam diversos fatores sócio-psicológicos, como por exemplo, a adequação da ocupação laboral, a reengenharia humana, fatores ligados à ergometria e ao ambiente de trabalho e ainda, variáveis ligadas a etapas da vida humana, como gestação, infância, adolescência, vida adulta e envelhecimento.

2.2 O ESTRESSE: ASPECTOS CONCEITUAIS

Pela ótica médica, o estresse se define como um conjugado de reações orgânicas e psíquicas de adequação que o organismo transmite, quando é exposto a um estímulo que o exercite, irrite, amedronte ou o faça feliz.

Segundo nos conta o Ten.-Cel. Jorge Miguel Barcelos da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, pelo lado fisiológico existem dois tipos de estresse:

o "eustresse" - estresse positivo; e o "distresse" - o estresse negativo; causam reações fisiológicas semelhantes: os pés e as mãos e pés apresentam a tendência de sudorese, além de ficarem frios; os batimentos cardíacos, a pressão arterial e o nível de tensão dos músculos tendem a elevarem-se; entre outras reações.

Todavia, quando se trata das questões de emoção, as reações ocorrem em patamares muito diferentes, pois o "eustresse" é uma variável que motiva e impulsiona positivamente a pessoa, sendo originado por sensações tidas por ela como positivas. Na ocorrência do "distresse", o perigo é um fator chave em que as reações emocionais ocorrem a partir dele, tornando o indivíduo depressivo.

Ainda de acordo com o supracitado Oficial da Brigada Militar, o estresse faz com que o organismo se prepare para suportar situações que se apresentam, sendo uma reação a um determinado estímulo, que varia para cada indivíduo, tornando-se uma ferramenta fundamental para que o homem possa sobreviver.

Porém, esse quadro pode ser maléfico; isto ocorre quando o nível de estresse aumenta expressivamente, em que a fadiga substitui o estímulo benéfico e, mais adiante, pode deixar o indivíduo suscetível a doenças físicas e mentais.

Inicialmente, o estresse se apresenta de forma muito sutil, sendo despercebido pelo indivíduo, o qual tende a não aceitar sua existência e, isto dificulta sua identificação. Normalmente, distúrbios psicossomáticos surgem e afetam o sistema nervoso autônomo, a partir da agregação de três ou quatro sintomas aparentemente comuns, como insônia, cansaço e dores de cabeça.

Além desses sintomas, a hipertensão também se apresenta como uma das adulterações mais corriqueiras que agrava o estresse. A pressão alta tem o poder de prejudicar o funcionamento dos rins, podendo ocasionar também um acidente vascular cerebral.

Os problemas gastrintestinais também aparecem associados ao estresse, sendo que as úlceras pépticas e a anorexia nervosa são os mais graves. Além disto

tudo, podem ocorrer ainda distúrbios respiratórios, sendo a asma o mais comum, a qual pode ser provocada por conflitos emocionais.

Segundo o Capitão Augusto Mamede Freitas de Lima:

...essa doença não escolhe quem atingir, ou seja, todas as pessoas podem ser vítimas dela, desde empresários, políticos, policiais, até donas de casa e crianças. A tensão, o cansaço e a irritação são problemas crônicos apresentados por um indivíduo estressado, sendo que existe uma dificuldade grande relativa à criatividade e à flexibilidade...

O estilo de vida, as experiências adquiridas, as atitudes pessoais em relação ao mundo e aos problemas, as crenças e a religiosidade, doenças adquiridas e até a predisposição genética do indivíduo são fatores fundamentais a serem verificados no processo de desenvolvimento do estresse.

O estresse pode ser considerado, em sua essência, como uma alteração global do organismo humano, com o objetivo de se adaptar a uma nova situação ou às mudanças de um modo geral, sendo considerado uma resposta fisiológica, psicológica e comportamental de uma pessoa que procura adaptação e ajuste às pressões internas e/ou externas.

2.3 O ESTRESSE E O TRABALHO

O trabalho é a ferramenta pela qual o indivíduo se relaciona com o mundo exterior, em que, constantemente, luta em alcançar o prazer e o bem-estar e briga contra o sofrimento. As vivências que determinam a qualidade das relações em todos os aspectos de sua existência são o resultado desta luta.

Dejours, Dessors e Desrioux (1993) acreditam que, por meio das diferentes relações do indivíduo com o seu trabalho, sua saúde seja implicada no mais alto nível.

Para Dejours, (...) o modelo de homem construído pela psicopatologia do trabalho é inteiramente centrado no sofrimento e seus destinos, em função da situação real de trabalho e das características da organização de trabalho. (DEJOURS, ABDOUCHELLI e JAYET, 1994, p. 161).

O trabalho, com seus elementos causadores de sofrimento e de prazer, constitui-se numa atividade decisiva para o equilíbrio psíquico do indivíduo e para uma rede complexa de sentimentos e representações em constante movimento (MAZZILLI, et al. 1998).

Para este autor, “a falta de condições favoráveis impede o sujeito de beneficiar-se do trabalho, para transformar seu sofrimento em criatividade, levando-o a engajar-se num círculo vicioso, que favorece sua desestabilização e impele à doença, caracterizando o sofrimento patogênico” (MAZZILLI, p. 4, 1998).

Ao analisar o significado do trabalho para o servidor público e a formação da identidade dos servidores da Secretária da Administração do Estado do Rio Grande do Sul, o autor acima citado afirma que entre os servidores públicos comuns, “o trabalho se reduz a pequenas tarefas atreladas a formulários e à guarda de regulamentos que esvaziam o trabalho individual, fazendo perder a noção de produtividade coletiva, privando o significado social”, cedendo às imposições sociais, satisfazendo-se pouco, vivendo “como um percevejo social ou parafuso insignificante diante da máquina do Estado”.

Pode considerar-se que, nos dias de hoje, o estresse pode ser um dos responsáveis pelos principais problemas que afetam a humanidade, devido ao modo de vida, que se reveste de particularidades específicas ricas em situações capazes de provocarem estresse no ser humano (MAZZILLI, et al. 1998).

Na esteira deste entendimento, Nakaiama (1997, p. 15) afirma que um ambiente de trabalho hostil pode conduzir ao estresse e tornar o funcionário menos eficaz, ou até mesmo levá-lo à morte. Para a pesquisadora, o estresse pode transformar em prejuízos e fracassos os investimentos em recursos humanos de uma empresa.

Para Cardoso (1995, p. 26), do Instituto de Higiene e Medicina Social da Faculdade de Medicina de Coimbra, existem várias causas que podem estar na origem de uma situação de estresse, o trabalho parece constituir-se uma das principais fontes, podendo afirmar-se que o estresse no trabalho é um dos maiores problemas dos nossos dias.

Segundo Liger (1999), o conflito entre as metas e a estrutura da empresa de um lado, e as necessidades individuais de autonomia, realização e identidade, é um grande agente estressor. Para a autora, o trabalhador muitas vezes perde a noção do processo de produção como um todo, tem ritmo de trabalho fora do seu controle, perde o poder de decisão sobre o seu trabalho. Assim procedendo, o trabalhador tem a sua auto-estima diminuída, seu trabalho não é percebido como interessante ou importante, não vê que seu esforço é socialmente significativo e não há reforço

na sua identidade por meio do trabalho. Concluindo, a autora afirma que tudo isto é uma ameaça à dignidade humana.

Para a autora em referência, quando as necessidades do indivíduo não estão sendo satisfeitas e este é submetido a estressores psicossociais, ele pode se ajustar de duas maneiras, por meio do ajuste ativo ou do ajuste passivo.

O ajuste ativo se manifesta por meio da expressão do desejo de mudança na estrutura a que está submetido; do afastamento ou solicitação de transferência do serviço; ou da participação em movimentos trabalhistas.

Já o ajuste passivo se verifica pela condução à alienação; pela depreciação do trabalho, sentindo-se como um peso, objetivando apenas a remuneração de condições físicas e higiênicas; além de sentir o trabalho como desinteressante; absenteísmo; usando abusivamente de medicamentos, álcool e drogas; além de apresentar maior predisposição a doenças.

Os especialistas que tratam sobre o assunto são unânimes em afirmar que as atividades policiais são tidas como uma das ocupações mais estressantes devido à exigência de uma elevada especialização e às circunstâncias de trabalho adversas, em que se faz de tudo, se tem grande responsabilidade e pouca autoridade para a decisão. É o pessoal "do meio de campo", que é exigido demasiadamente e sofre muitas cobranças, segundo afirma a psicóloga e jornalista Ana Maria Rossi (1995).

Dessa forma, a PM é o segmento do Estado que, por missão constitucional, tem o dever de preservar a ordem pública, a incolumidade das pessoas e do patrimônio, constituindo-se no primeiro anteparo de proteção ao cidadão.

Com a ação de seus integrantes, diuturnamente, materializa-se a ação estatal por meio do policiamento ostensivo preventivo, da prisão de infratores da lei, da lavratura das infrações de trânsito, das advertências e orientações prestadas pelos Policiais Militares do policiamento urbano e rodoviário, pelos que atuam em distúrbios civis, em ocorrência com seqüestro, com mortes.

De fato, o Policial Militar, com segmento visível do Estado, é o primeiro a receber o impacto dos problemas sociais, sejam eles ocorrências policiais ou não. Grande maioria das ocorrências atendidas é assistência a pessoas doentes, resolução de pequenos conflitos e prestação de informações.

Sara Cristina da Silva cita em sua monografia intitulada "O estresse do policial militar do Mato Grosso: condições de trabalho do policial militar" as palavras do psiquiatra Luiz Antônio Nogueira Martins, da Universidade de São Paulo:

Toda atividade profissional é desgastante, mas algumas profissões são mais estressantes do que outras. Um violinista de orquestra sinfônica ou um artista plástico operam num patamar de stress muito mais baixo do que a telefonista ou o bancário. Isso porque o tamanho do stress pode ser definido pela relação que se tem com o serviço...(SILVA, 2004, p. 65)

Continua o autor:

... O artista plástico precisa comercializar suas obras, o que causa algum stress, mas normalmente gosta de seu trabalho e passa a maior parte do tempo num ambiente calmo. Mas existe vocação para ser telefonista ou bancário? Não. E isso estressa. Algumas profissões desgastam porque exigem estado de alerta máximo, como pilotos, ou tensão total, como policiais. (SILVA, 2004, p. 66)

Embora este profissional generalize, dizendo que profissões como balconista e bancário não fazem parte de vocação, seu depoimento é relevante ao referir-se a profissões como pilotos e policiais que têm sob sua responsabilidade vidas humanas.

Mesquita (1999, p. 45) assim se manifesta sobre o desenvolvimento das atividades policiais militares, declarando que no empenho de suas funções, o Policial Militar se depara com inúmeras situações críticas resultantes das desarmonias sociais, que acabam sendo registradas e assimiladas inconscientemente, comprometendo seu bem-estar e físico.

2.4 O ESTRESSE POLICIAL

Segundo Santos (1993), nos Estados Unidos, doze por cento do tempo perdido no trabalho é devido a doenças cardiovasculares. Este autor fala ainda que naquele país, segundo estudos realizados, a profissão policial ocupa a décima primeira posição em termos de estresse.

Verifica-se, assim, que o estudo do estresse policial é hoje uma preocupação mundial. Nesse contexto, a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, por meio de sua revista especial, publicada em janeiro de 1993, demonstrando sua preocupação com o assunto, publica vários artigos científicos norte-americanos e um nacional, de autoria de um capitão de Polícia Militar de São Paulo, sobre o assunto.

De acordo com esses artigos, os problemas sociais brasileiros, as condições de trabalho da polícia militar e as exigências às quais diariamente são submetidos os policiais, entre outros, são fatores estressores.

Petrons e Raiser (apud RIBEIRO, p. 14, 1993), afirmaram que o estresse policial tem aumentado nos últimos dez anos. Os autores do Estatuto Schoefer asseveram:

...o estresse é um perigo real para o policial, isso porque o estresse no trabalho, de uma forma geral (não só policial) afeta a saúde da pessoa, sua personalidade e/ou a sua performance profissional...

Para Violanti (1993), além dos problemas fisiológicos, o estresse conduz a mudanças de atitude nos policiais, tais como o cinismo, e que variam de acordo com a frustração no trabalho

Policiais submetidos a grandes pressões como tiroteio, ações seguidas de morte, sofrem traumas e problemas emocionais sérios. Divórcios, alcoolismo, suicídio, assédio sexual, entre outros, são problemas decorrentes do impacto emocional (Warren e Igram, 1993). Estas ações são ocorrências de alto risco ou traumatizantes.

Para matar é preciso correr o risco de ser morto. O risco da morte é o paradoxo supremo do homem diante da morte, pois contradiz total e radicalmente o horror da morte (MORIN, p. 70, 1997). Para este autor, a corrida gregária para o combate (para a morte) implica uma derrota dos instintos de proteção individual da espécie. Para matar com eficácia, conclui o autor, estes instintos de proteção individual são subordinados à necessidade do risco. Todavia, pode aparecer o medo, e então ocorre o recuo e o homem que devia combater se deixa matar ali mesmo (MORIN, p.70, 1997).

A atuação do impulso instintivo, do impulso cívico, do impulso da individualidade, leva o indivíduo a autodeterminar-se contra o seu medo, pois isso implica auto-afirmação do seu grupo, pois teme ficar desonrado diante de seus concidadãos, razão pela qual muitas vezes arriscam-se à morte, que se manifesta mais livre nas sociedades evoluídas, em que o indivíduo mais se afirma ele próprio (MORIN, 1997).

Reiser (apud VIOLANTI, 1993) fala de policiais que se tornaram emocionalmente endurecidos e se isolaram. Em casa, o policial tende a desligar as emoções em relação à sua família, levando a um processo de afastamento e de procura de relações fora de casa. O referido autor continua afirmando que, na rua, os policiais podem extravasar as frustrações sobre os cidadãos que eles encontram em situações de polícia.

Richard e Fell (apud WARREN e IGRAM, 1993, p. 37) observaram que as pressões do ambiente de trabalho podem resultar em numerosas patologias inter-relacionadas psicológica e fisiologicamente.

Para o Dr. Al Somodevilla, chefe do Departamento de Dallas, U.S.A (RIBEIRO, 1993), as chances de um policial cometer suicídio são de quatro a cinco vezes maiores do que ele morrer em combate.

Segundo Ribeiro (1993), o policial militar é treinado a não se envolver nas ocorrências que atende, manter-se forte e inabalável diante das situações. O autor afirma que a necessidade de desenvolver estratégias para a assistência dos policiais com problemas emocionais experimentados no cumprimento da lei, especialmente em tiroteios, é urgente.

Nesta direção, diversos estudos mostram a preocupação dos administradores em reconhecer a importância e o grau de sua responsabilidade na preservação e manutenção da saúde, da força laboral e da vida produtiva de seus profissionais com qualidade.

Rossi (1995), em um programa de televisão, afirmou que nos EUA os funcionários processam as empresas por causa de estresse, devido às expectativas muito grandes e exigências demasiadas dos patrões, devido à falta de treinamento, muitas cobranças e a perda da identidade.

Para a psicóloga Marilda Novaes Lipp (apud RIBEIRO, 1993), quanto mais o profissional supervaloriza sua função mais sujeito estará ao estresse. As constantes pressões ocupacionais decorrentes do elevado índice de infrações penais com que se depara, da família, das chefias, da empresa e da sociedade, são fatores estressores para o Policial Militar.

Para Ribeiro (1993), na Polícia Militar paulista o número de suicídios é seis vezes maior que na população em geral. Afirma, ainda, que na polícia de Nova York, o número de suicídios é o dobro do que ocorre na população de forma geral, sendo a profissão policial a que apresenta o maior índice de todas as profissões.

Por tais razões, urge que os organismos policiais desenvolvam programas de redução e de prevenção do estresse. É comum ouvir-se nas palestras de Policiais Militares gaúchos, ligadas à atividade de ensino da Corporação, que após os dois primeiros anos de trabalho na rua, o Policial Militar se desmotiva e diminui acentuadamente suas ações por iniciativa própria. Esta desmotivação do homem pode ser conseqüência do estresse, o que resulta em custos ao erário público, aos

organismos policiais militares e à sociedade, independente da qualidade na prestação dos serviços.

A ação policial, que ocorre em situações angustiantes para as vítimas (assaltos, vidas em risco, etc.), se impregna deste sentimento que é transferido para o policial militar. O convívio com a dor, com o medo, com o risco e com a morte produz medidas ou ações reativas nos policiais.

Neste sentido, vários estudos têm demonstrado que policiais submetidos a grandes pressões como tiroteio, ações seguidas de morte, sofrem traumas e problemas emocionais sérios. Divórcios, alcoolismo, suicídio, assédio sexual, entre outros, são problemas decorrentes do impacto emocional.

As pessoas suportam pressões até determinado limite, com o aumento das pressões as pessoas tornam-se menos atentas, diminuindo seu nível de energia e até provocando sono. Para o policial militar estas situações são extremamente perigosas, se estiverem de serviço. Conclui-se que o estresse impregna a ocupação policial e que traz sérias implicações para sua vida pessoal e profissional.

Nesta perspectiva, a atuação da polícia na sociedade é dual: liberdade versus regras sociais. As restrições de toda ordem e as múltiplas exigências do policiamento, aliadas à possibilidade de fracasso na ação policial, são estressantes.

Portanto, é necessário estar atento à quantidade e à intensidade dos sintomas que o organismo humano apresenta e refletir se não se está exigindo demais do policial, pois não são os acontecimentos que determinam se o indivíduo está estressado ou não, mas as reações diante deles.

2.5 O ESTRESSE E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DO SERVIÇO POLICIAL MILITAR

Os oficiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro Lorenço da Silva et al (1995; p. 2), em 1995, diziam que:

... o serviço prestado pelo policial militar constrói a imagem da Corporação perante seu cliente, quer seja num simples ato de ajuda a qualquer cidadão, pela forma que conduz uma ocorrência, pela sua apresentação pessoal, ou, até mesmo, através de um ato heróico.

Esses oficiais da PMERJ, do curso Superior de Polícia Militar, desenvolveram uma pesquisa visando analisar se o estresse do policial militar carioca interferia na

qualidade dos serviços prestados à população. Conforme Lorenço da Silva et al (1995; p. 98), em suas conclusões, o estresse do policial militar interfere na qualidade do serviço prestado à população.

Esta conclusão alinha-se ao afirmado por Karl Albrecht (1994, p.4) de que os administradores não controlam a qualidade do produto quando ele é um serviço.

Considerando os referenciais citados, conclui-se que a qualidade dos serviços policiais prestados à sociedade é proporcional à qualidade de vida dos servidores que a executam. Não será possível atender o cliente com qualidade, se não forem atendidas as necessidades do público interno da Corporação, no caso da Polícia Militar. O policial militar é o verdadeiro representante da Instituição, que a todo o momento está interagindo com a comunidade.

Assim, a imagem da Corporação é construída diariamente, em ações simples, como o atendimento de um chamado telefônico, como a prestação de uma informação, e também com atitudes mais complexas, como os procedimentos em uma prisão, em uma invasão de domicílio.

A relação do policial militar com a sociedade é complexa, uma vez que sua atuação, freqüentemente, é conflitante. É exigido do cidadão policial militar coragem e firmeza com agressores e transgressores da lei, enquanto em outro, lhe é exigido educação, cortesia, muitas vezes simultaneamente.

Este equilíbrio emocional que é contraditório em uma sociedade cuja formação educacional é autoritária, hierarquizada e rígida, que prioriza o cumprimento da ordem e coíbe a iniciativa, muitas vezes negando o direito de pensar, de analisar a situação e decidir, resulta em uma sobrecarga emocional estressante, com reflexos diretos em sua saúde e em suas ações.

Ressalta-se, entretanto, que esta formação autoritária a que se referiu não se restringe, exclusivamente, a formação policial militar, uma vez que o modelo institucional brasileiro (família, escola, igreja, etc.) ao longo dos tempos, priorizou estes comportamentos em seus objetivos, muitas vezes esquecendo-se do ser humano, dos seus sentimentos, preocupando-se exclusivamente com o cumprimento de ordens e com os aspectos técnicos, não preparando o cidadão para se auto-administrar, para obter conhecimentos viáveis, para prover soluções e interagir com as pessoas, solucionar situações.

Se o estresse interfere na qualidade dos serviços prestados à população pelo policial militar, é indispensável combatê-lo, uma vez que este serviço exige um

homem em perfeitas condições de saúde, bem preparado tecnicamente, que possua equilíbrio emocional para o desempenho eficaz da sua missão, em defesa do cidadão e dos direitos constituídos.

A profissão PM é extremamente extenuante e traz como conseqüências prejuízos à saúde, o estresse psicológico que pode ser transferido para a sua vida pessoal, além de tornar seu trabalho desagradável e, pouco compensador.

Conforme já dizia Karl Albrecht (1994, p. 120), a reação emocional negativa experimentada pelo empregado transfere-se ao cliente. Um empregado apático, emocionalmente neutro ou hostil, e nem um pouco interessado em seu trabalho acabará transferindo esses sentimentos ao cliente e criará uma impressão negativa em si mesmo e da empresa.

2.6 EFEITOS DO ESTRESSE NA CARREIRA POLICIAL

Verificando o perfil de cada policial, correlacionado a seu intuito, treinamento, realidade e sociedade atendida, levando-se em conta a periculosidade de seu trabalho, percebe-se que, não raramente, este profissional poderá estar trabalhando sob a influência do estresse.

Estágios transitórios correlacionados aos efeitos do estresse foram identificados por meio de estudos realizados nos Estados Unidos tendo como público alvo os policiais daquele país. Segunda a pesquisa, esses estágios poderiam seguir os profissionais ao longo da carreira, situação que pode ser trazida para a realidade da polícia brasileira, logicamente preservando as diferentes realidades e características

Dessa forma, com o intuito de classificar, Violanti (apud LIMA, 2002) destacou as seguintes fases: estágio do alarme, estágio do desencanto, estágio da personalização e o estágio da introspecção.

O primeiro estágio, isto é, o estágio do alarme acontece nos cinco anos iniciais. O policial que acabou de ser incluído nas fileiras da Corporação passa por um choque de realidade, em que verifica que o trabalho cotidiano apresenta nuances diferentes da teoria ministrada nos bancos escolares de formação. Existe a tendência do desgaste crescer de forma intensa, na medida em que o militar vai tendo contato com as atividades reais. As exigências do trabalho se tornarão um

peso para o policial, para sua capacidade de reação, fazendo com que esta fase seja fundamental para o surgimento do estresse.

A segunda fase ou estágio do desencanto aparece normalmente do sexto ao décimo segundo ou décimo quarto ano de carreira. É caracterizada pela ruptura do ideal da carreira, em que ocorrem as decepções e a constatação de que as pressões e exigências do serviço ultrapassam o limite da capacidade de reação do profissional. O policial se sente fracassado e incapaz de trabalhar com as exigências da profissão.

O terceiro estágio é o da personalização que inicia nos doze ou quatorze anos até aos vinte anos de serviço, em que a preocupação do policial diminui sensivelmente com as exigências da profissão, além da constatação de que o medo do fracasso e do estresse profissional é bastante reduzido.

O último estágio é o da introspecção que vai dos vinte anos até a aposentadoria, em que ocorre a reflexão de cada policial. A saudade do início da carreira impera, sentindo-se pouco preocupado com o fracasso, apresentando segurança, pois, dispõe de uma larga experiência profissional. O estresse da profissão tende a diminuir, pois as expectativas são aumentadas com o futuro próximo da aposentadoria.

3 METODOLOGIA

Este capítulo descreve os métodos que foram seguidos durante o presente estudo. Subdivide-se em caracterização da pesquisa, coleta de dados e sistematização e análises.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Utilizou-se o método dedutivo e qualitativo na pesquisa bibliográfica, haja vista a necessidade da busca de dados gerais sobre o estresse, fundamentais para que, posteriormente fosse possível a análise do caso específico, ou seja, o estresse nos policiais da RONE.

Com relação à questão dos questionários e das entrevistas, foi utilizado o método indutivo, ou seja, do específico para o geral. Em alguns momentos a pesquisa foi qualitativa e em outros foi quantitativa, dependendo do objetivo de cada questão e/ou pergunta.

3.2 COLETA DE DADOS

Realizou-se inicialmente uma revisão da literatura consistente no estudo, por meio de pesquisa bibliográfica em publicações especializadas no assunto, além de buscas de dados sobre o histórico do estresse, e do levantamento dos conceitos fundamentais relacionados ao assunto, partindo do geral para o específico, chegando ao estresse na função policial.

Dessa forma, objetivou-se caracterizar a importância do tema no contexto atual da Corporação e formar a base teórica necessária para verificar a influência do estresse causado pelo serviço policial nos integrantes da RONE.

Foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de um questionário de pesquisa com questões abertas e fechadas, em que foi feita a coleta de dados junto a uma amostra composta por 50 (cinquenta) policiais militares lotados nas Rondas Ostensivas de Natureza Especial, além de duas entrevistas com profissionais da área médica e uma entrevista com um Oficial da RONE.

Por meio do instrumento dessas entrevistas, foram levantadas informações, bem como foram devidamente analisadas as respostas obtidas com os seguintes profissionais: com a assistente social do Centro Terapêutico do Hospital da Polícia Militar, Sr^a Joelma Arlindo Viana; com a Dr^a Gisele Laguna Vitória, médica psiquiatra do Hospital da Polícia Militar; e com o 1º Ten. QOPM Gustavo Dalledone Zancan, o qual na data da entrevista respondia pelo Comando da RONE. Estes profissionais repassaram informações úteis para o desenvolvimento dessa pesquisa, as quais serão apresentadas mais adiante.

Assim, as entrevistas objetivaram colher subsídios tanto do Comando dos policiais militares da RONE, quanto de profissionais da área médica, mas especificamente na assistência social e psiquiatria, os quais acompanham casos reais na sua rotina diária de trabalho.

A Companhia de Polícia de Choque, por meio de sua Seção de Pessoal, além da própria sargenteação da RONE, também serviram de banco de dados a respeito de informações sobre as normas gerais de ação, além de outros dados relevantes para o estudo.

3.3 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE

A partir dos dados coletados nos questionários a respeito da vida profissional e pessoal dos policiais militares da RONE, foram realizados comentários e discussões a respeito dos efeitos do estresse sobre esses trabalhadores.

Lançando-se mão das informações coletadas e estudadas nos questionários e entrevistas, foram realizadas discussões e análises do tema, por meio de tabulação de dados e interpretação das respostas dos entrevistados, verificando qual é a forma atual de tratamento do tema pela PM e qual seria a maneira ideal a ser seguida. Dessa forma, foram propostas medidas para prevenir o aparecimento e o agravamento do problema.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Neste capítulo, os dados coletados serão apresentados, bem como as análises e discussões serão realizadas e expostas, a fim de cumprir os objetivos propostos neste estudo.

4.1 RESULTADO DA PESQUISA TEÓRICA/DOCUMENTAL

De acordo com dados repassados pelo Comando da Companhia de Polícia de Choque da PMPR, a RONE (Rondas Ostensivas de Natureza Especial) foi criada no dia 13 de Julho de 1992, pelo CPC (Comando do Policiamento da Capital) devido ao crescimento da criminalidade violenta e da falta de dispositivo de reação no recobrimento do Policiamento Ostensivo.

No início de sua criação, a RONE era formada como um dos segmentos que compunham a Companhia de Polícia de Choque, os quais desenvolviam suas atividades com grupos de 20 (vinte) Policiais Militares, por turno de serviço, sendo divididos em equipes de 06 (seis) viaturas.

Atualmente, está estruturada como uma Companhia, comandada por um 1º Tenente, sendo o efetivo distribuído em 06 (seis) Pelotões de 26 (vinte e seis) Policiais Militares, com 06 (seis) viaturas por Pelotão, sendo cada Pelotão comandado por um 2º Tenente.

Esses policiais da RONE comumente se envolvem em ocorrências que enfrentam meliantes armados, portanto, os confrontos armados fazem parte da rotina desses PMs. Dessa forma, a seguir serão apresentados os efeitos psicológicos durante o confronto armado e os pós-confronto armado

4.1.1 Efeitos Psicológicos durante o Confronto Armado

No “stress” em confrontos armados, Tedeschi (1995) buscou demonstrar a real necessidade do constante aprimoramento dos agentes de segurança. Foram analisados os efeitos fisiológicos e psicológicos que ocorrem com a pessoa em circunstâncias de profunda ameaça de sua integridade física, estudo esse que comprovou a existência de fenômenos que realmente alteram a percepção das

pessoas em momentos críticos de suas vidas, sedimentando, portanto, os objetivos da pesquisa.

O que será mostrado nesta subseção são as perspectivas de alterações de tempo e espaço e de outros fenômenos que ocorrem em momentos de extremo “stress”, resultantes das atividades de alto risco, evidenciadas por meio das experiências do dia-a-dia dos policiais da RONE.

A divulgação destes fenômenos contribuirá para um melhor equilíbrio psicológico daqueles que estão envolvidos com atividades de perigo constante e iminente, facilitando por conseguinte a atuação profissional no transcorrer do atendimento de situações críticas, quando ocorrerem, não mais serão tidos como irracionais e misteriosos, servindo de subsídios para o melhor desempenho profissional.

4.1.1.1 Tachypsychia

Este não é um vocábulo composto, e muitas vezes é escrito de forma errada, e além de mal escrito é mal utilizado. Se for dito que tachypsychia engloba “Túnel de Visão” e demais fenômenos decorrentes do “stress”, isto também não será verdadeiro. Tachypsychia é um fenômeno “específico”, caracterizado pela distorção de tempo percebido. Este termo se origina do grego e literalmente significa velocidade da mente, e apesar deste significado, o que você irá vivenciar na grande maioria das situações é uma noção vagarosa da ação. É o que a Academia “Federal Bureau Investigation” F.B.I., denomina de “Visual Slowdown”. Torna, portanto mais vagaroso o visual (TEDESCHI, 1995).

Provavelmente, inúmeras pessoas já tiveram a oportunidade de vivenciar este fenômeno, citando por exemplo alguns tipos de crises, tais como: a queda de um bebê de sua cadeirinha, ou a colisão de um carro, etc. Após a ocorrência, muitos participantes relatam o fato como se estivessem atravessando um terreno gelatinoso e, que a sensação era simplesmente horrível. Na verdade a pessoa não está se movimentando mais devagar, mas sim talvez, muito mais rápido que em toda a sua vida. Em ocorrências policiais de confrontos armados, o fenômeno não ocorre simplesmente para o agente de segurança, também acontecerá com a pessoa do outro lado, ou seja, o oponente. O Reflexo de Luta ou Fuga (fight or flight reflex) se inicia, e a mente diz que o organismo está em perigo, e este tem que sobreviver, os

recursos humanos que você provavelmente nunca experimentou, serão imediatamente chamados à ação, os poderes mentais que normalmente não são aplicados, vêm à tona, como se estivesse olhando o mundo por meio de uma máquina “Kodack Instamatic”, ou ainda sobre as rodas de uma carruagem do Velho Oeste, e quanto mais a carruagem se desloca, mais se tem a impressão que as rodas estão indo para trás. É uma ilusão, o que está ocorrendo neste momento, é que a pessoa está percebendo as coisas ao seu redor com mais detalhes. Em alguns casos a percepção de tachypsychia poderá ocorrer ao contrário, isto é, as imagens ficarão mais rápidas. Quanto mais alerta se estiver para o perigo iminente, geralmente se vivenciará mais tachypsychia.

Tudo isto faz parte da reação de alarme do corpo (Body Alarm Reaction). Quando o cérebro percebe que o organismo encontra-se em perigo, desencadeia o Reflexo de Sobrevivência. Esta reação de alarme do corpo se inicia com imediata Taquicardia, aumento da Pressão Arterial, Hiperventilação, com a secreção súbita de hormônios tais como: Adrenalina, Noradrenalina, Cortisol, etc.

O corpo secretará os próprios analgésicos, como exemplo a endorfina, chamados de matadores da dor, com uma Supercarga Instantânea que durará por um período significativo de tempo. Essas alterações súbitas provocarão um grande aumento da força muscular e insensibilidade à dor, conseqüentemente a pessoa estará muito mais rápida que em toda a sua vida.

Por outro lado, existe a parte negativa ocasionada pelo “stress”. Irá se vivenciar de forma dramática, muito forte, perda da coordenação motora. A destreza acaba, as mãos começam a tremer, inicialmente os tremores serão percebidos nas extremidades do corpo, primeiro na mão não dominadora “fraca”, e quase que imediatamente nos dedos da mão dominadora, os próximos locais atingidos serão as pernas e os joelhos.

4.1.1.2 Túnel de visão

É a distorção da percepção espacial, enquanto Tachypsychia é a distorção de tempo percebido. Exemplo: Quando se assiste a um programa de televisão, e aparece a imagem de um homem num todo, preenchendo totalmente a tela do monitor, neste caso se terá a ilusão ótica de que ele é mais alto do que, em seguida o mesmo homem aparecesse em outra imagem, só que mais ao fundo, cobrindo

parcialmente a tela. Na realidade, o homem nas duas imagens é o mesmo, dando-se a impressão de que ele está mais perto e mais alto na primeira imagem, distorcendo portanto a percepção espacial. Em casos de extremo perigo, o objeto em foco: “arma, pessoa etc.” poderão parecer muito maiores e mais próximos do que na verdade se encontram, outro fato interessante é que no momento a pessoa deixa de perceber detalhes como a existência de eletrodomésticos, quadros etc., estará portanto com sua atenção totalmente voltada para o potencial ameaça (TEDESCHI, 1995).

4.1.1.3 Exclusão auditiva

É a perda momentânea da percepção auditiva. Configura-se no exemplo de um confronto armado, quando alguém que está próximo grita: “Não Atire!”, e os disparos prosseguem. Mais tarde, perguntando-se à pessoa que efetuou os disparos se alguém lhe disse para não atirar, ela responderá que não. Isto se chama Exclusão Auditiva ou Exclusão de Auditório.

4.1.1.4 Profecias

Este é um fenômeno por demais interessante, ele se caracteriza pelo desenvolvimento de um sexto-sentido. Na verdade é o resultado do acúmulo intelectual dos outros cinco sentidos e das experiências que o indivíduo vivenciou ao longo dos anos em sua profissão. Este fato fica evidenciado naqueles momentos em que se pode analisar as atitudes dos agentes de segurança recém-formados, quando em serviço operacional estes apresentam dificuldades em perceber situações ameaçadoras, não conseguem muitas vezes detectar e prever as possíveis reações de pessoas em ambientes de risco. Esta capacidade, portanto, não é ensinada em cursos de formação, é uma aquisição que demanda tempo e somente a convivência no dia-a-dia profissional irá contribuir para o correto pressentimento do perigo; neste estágio, a pessoa passará a confiar em seus palpites.

Como exemplo, tem o caso de um policial rodoviário estadual ao abordar um motorista, a fim de aplicar-lhe uma multa, teve deste um procedimento indesejável. O motorista ao se ver “molestado” pelo policial, bocejando, disse a ele alguns

impropérios, e apresentou uma linguagem de corpo que pressupôs uma iminente agressão física. De imediato, o Policial desferiu-lhe um tapa no rosto. As pessoas que ali passavam dirigindo seus carros, viram apenas o policial agredindo um homem indefeso. Um indivíduo treinado em “Defesa Pessoal”, ou em combates armados, enxerga pequenos indicadores, os quais dão a ele, motivos para se antecipar a uma futura agressão, algo que não ocorre com outras pessoas não treinadas. No caso em pauta, a reação do policial por ser um lutador treinado, que já viu milhares de vezes homens que desferem socos, sabe que o gesto com o quadril, significa preparo para lançar um golpe. Uma pessoa leiga não possui este “Feeling”, que possibilita uma distinção correta (TEDESCHI, 1995).

4.1.1.5 Resposta moral

A resposta moral é uma reação de negação. Em determinados momentos, as pessoas podem apresentar condutas contrárias aos fatos ocorridos, não aceitando os acontecimentos ou dissimulando. O que caracteriza este fenômeno é a incapacidade das pessoas assumirem a realidade, prevalecendo o instinto de preservação (TEDESCHI, 1995).

4.1.1.6 Perda temporária de visão

É a perda temporária da visão, ocorre principalmente com pessoas despreparadas, é caracterizada naqueles momentos em que acontece uma catástrofe, tendo-se como resultado esse fenômeno; é portanto diferente de uma cegueira ocasionada por problemas orgânicos como o diabetes por exemplo (TEDESCHI, 1995).

4.1.1.7 Efeito de esbranquecimento

Chamado de efeito de esbranquecimento, também é uma perda temporária da visão, o que a diferencia da perda de visão é a sensação de que tudo fica branco, é como se fosse uma televisão Branca e Preta antiga que, ao ser desligada, a imagem desaparece aos poucos (TEDESCHI, 1995).

4.1.1.8 Divisão psicológica

O fenômeno conhecido por Divisão Psicológica é o oposto à perda temporária de visão. Enquanto no segundo se dá com amadores, o primeiro ocorre com pessoas altamente treinadas e experientes. Quando a pessoa treinou incessantemente, até o ponto em que possa executar alguma atividade na condição de “Piloto Automático”, a reação “OF”/“ON” (liga/desliga) é instantânea (TEDESCHI, 1995).

4.1.1.9 Cognitiva dissonante

Em certos casos, mesmo as pessoas altamente treinadas podem cometer erros grotescos em virtude do extremo “stress”, apesar de terem incessantemente automatizado os movimentos em seqüência lógica. A dissonância cognitiva, portanto, refere-se à “Confusão” de procedimentos.

4.1.2 Efeitos Psicológicos Pós-Confronto Armado

Passado o grande estresse sofrido durante um confronto armado, o policial passa para outro estágio, o qual terá conseqüências diversas de acordo com cada indivíduo. Pode-se iniciar um estresse posterior ao confronto, um estresse pós-traumático.

Sobreviver a uma catástrofe é uma das coisas mais difíceis que se pode imaginar. Há algumas pessoas que são submetidas a uma experiência excepcionalmente ruim, como a perda inexplicável de um filho, ser vítima de um incêndio, estupro ou seqüestro, levar um tiro, matar alguém, etc. Para algumas pessoas, episódios como a perda de emprego, ser espancado ou preso, ou mesmo um processo judicial pode ser vivenciado como uma extraordinária catástrofe, e sofrem da mesma maneira.

As pessoas que sobrevivem a essas catástrofes apresentam um quadro que se chama Estresse Pós-Traumático, o qual é conhecido no âmbito da psicologia pelo código CID 10.

Essa é a pergunta que todas as pessoas que passaram por experiência particularmente traumática fazem. Não há uma resposta pronta e essa pergunta

costuma ecoar dentro da cabeça por um longo tempo. Quanto é esse tempo? Se a experiência traumática for leve, de 3 a 6 meses. Uma perda de um parente próximo, de 6 meses a 2 anos. E infelizmente para traumas mais devastadores, anos a fio ou a vida inteira. Em geral, os sintomas têm início nos primeiros 3 meses após o evento, mas pode acontecer desse intervalo chegar a muito mais tempo, às vezes 20 anos.

4.1.2.1 Sintomas

Após a situação de alerta, o organismo continua ativo e no sangue ainda circula uma série de substâncias liberadas pela situação de tensão. Normalmente, são sentidas tremedeiras, fraqueza nas pernas, vontade de urinar, entre outros sintomas.

Um fato, para ser percebido como estressante, segundo Kaplan e Sadock (1993), depende da sua natureza, das condições da pessoa no momento do perigo e do enfrentamento (recursos, defesas e mecanismos).

Para este autor, o desequilíbrio interno e o externo entre as pressões do mundo e o ego do indivíduo provocam conflito, gerando ansiedades, fobias, neuroses, alcoolismo, drogadição, por exemplo.

Os ataques freqüentes de medo fazem com que o estresse crônico seja a causa da ansiedade crônica.

Portanto, nem sempre as pessoas apresentam reações visíveis ao perigo, porque, por meio da inteligência, contornam a situação, o medo, reprimem e interrompem as seqüências de reações do organismo.

O resultado é que estas situações de medo indefinido e de ansiedade são "armazenadas", cumulativamente, sem causa identificada e, inconscientemente, passam com elas a conviver e sofrer os seus reais efeitos, que poderão ser, segundo Violanti e Solomon (1993): períodos de depressão; hipertensão arterial; doenças cardíacas em geral; problemas psicológicos diversos: cinismo; endurecimento e isolamento emocional, como processo de defesa psicológica contra o estresse; fracasso nas tarefas laborais; falta ao serviço; apatia, desmotivação para o trabalho; rotatividade no serviço; atos de violência direcionados contra a instituição; úlceras; agressividade consigo, com familiares e com a sociedade.

Porém, o tempo começa a passar e alguns sintomas começam a se tornar mais estáveis. São eles: · Culpa - muitas vezes culpa por ter sobrevivido, ou pelas coisas que teve que fazer para sobreviver; · Ansiedade - em geral a vítima evita as situações que lembram o trauma, tem dificuldade para adormecer, assusta-se com facilidade; · Depressão - muitas vezes perda das crenças, sensação de inutilidade, vergonha, desespero ou desamparo, além de retraimento para a vida social e um certo entorpecimento para a vida; · Revivendo - Com muita frequência o sobrevivente volta a lembrar do trauma, seja em episódios de flashback que invadem a mente, seja em sonhos. Algumas vezes ocorre exatamente o oposto e o sobrevivente não consegue se lembrar de nada.

Outros estudos têm demonstrado que as pessoas que desenvolvem e continuam mantendo um Transtorno de Estresse Pós-Traumático, podem vir a sofrer uma série de mutações em suas personalidades (BALLONE, 2008).

Entre as características observadas nas Alterações de Personalidade decorrentes de experiências muito traumáticas, como são os atentados, guerras, etc., seriam: aumento dos sentimentos de ira ou vingança; diminuição da capacidade de concentração; aumento da agressividade e irritabilidade; diminuição do interesses pelas coisas; dores psicogênicas e psicossomáticas; depressão e ansiedade; diminuição da capacidade de comunicação com os outros; diminuição da capacidade de externar sentimentos; em muitos casos, sentimentos de em culpa.

4.1.2.2 Fenômeno “Burnout”

Policiais e bombeiros militares envolvidos diretamente com o trabalho operacional (rádio patrulha, trânsito, polícia de choque, busca e salvamento entre outros), freqüentemente têm que empregar muito tempo em intenso relacionamento com outras pessoas, cujos problemas nem sempre são óbvios e de fácil solução, gerando neles ambigüidade e frustração, que no exercício de um trabalho profissional, podem causar um estresse crônico e drenagem no equilíbrio emocional, levando a “burnout” (é a expressão inglesa para designar aquilo que deixou de funcionar por falta de energia), que acaba por tornar os profissionais cínicos no trabalho, insensíveis no que fazem, incapacitando-os a se entregarem a ele como gostariam ou deveriam.

O policial ou bombeiro militar, estando em "burnout", tende a se avaliar negativamente no trabalho e no relacionamento com as pessoas. Sente-se infeliz consigo e insatisfeito com o que faz. As conseqüências são potencialmente muito sérias para os policiais e bombeiros militares envolvidos diretamente com o trabalho operacional, mesmo para pessoas envolvidas com seu trabalho e para a organização, levando à deterioração na qualidade do serviço prestado, ao abandono, absenteísmo e baixo moral e este contexto está relacionado com: inquietude pessoal; exaustão física; insônia; crescente uso do álcool e de drogas; problemas conjugais.

Um importante impulso para se estudar o fenômeno burnout nas organizações foi dado por Maslach com o seu Inventário chamado Maslach Burnout Inventory (MBI) que abrange quatro fatores (apud PMESP, 1994): 1) exaustão emocional; 2) realização pessoal; 3) despersonalização; 4) envolvimento.

No estudo de Maslach (apud PMESP, 1994), os escores de profissionais que atendiam setenta ou mais pessoas por dia, foram altos em Exaustão Emocional e Despersonalização e baixos em Realização Pessoal. Tais tendências se confirmaram em: professores, enfermeiras, assistentes sociais, psiquiatras, psicólogos, advogados, médicos e agentes de agências (em que se enquadram os integrantes da Polícia Militar, notadamente os Oficiais e Praças envolvidos diretamente com o serviço operacional).

Em um outro estudo, realizado em 1978, Maslach (apud PMESP, 1994) verificou que as pessoas experienciando burnout estariam insatisfeitas com oportunidades para crescimento e desenvolvimento pessoal no trabalho.

Burkb; Shgarer e Deszcai (apud PMESP, 1994), em um estudo realizado com 142 policiais, obtiveram a indicação de um claro relacionamento de burnout com vontade de abandonar o emprego, além de terem confirmado em hipótese correlacionada, que pessoas experienciando burnout, gostariam de passar o menor tempo possível com outras pessoas. Este desejo se materializava em freqüentes interrupções do trabalho, maior absenteísmo, dificuldades de relacionamento com pessoas em geral e particularmente com colegas de serviço.

4.2 RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO

Com relação à pesquisa de campo foi realizado contato com a Seção de Pessoal da Companhia de Polícia de Choque, em que, por meio do Sgt. Marcelo obteve-se cópia das Normas Gerais de Ação das Rondas Ostensivas de Natureza Especial.

Essa NGA tem como finalidade doutrinar os procedimentos operacionais e as missões a serem adotados por cada componente das guarnições RONE, por meio de critérios técnicos e táticos, que se modificam, de acordo com a população, o terreno e o *modus operandi* do marginal.

Essas Normas Gerais de Ação têm como objetivo padronizar a conduta do Policial Militar da RONE, desde sua instrução e postura na viatura, até a forma de agir no atendimento ao cidadão nos mais diversos tipos de ocorrências, patrulhamento e realização de abordagens.

De acordo com essa NGA, as Rondas Ostensivas de Natureza Especial se constituem em tropa especialmente treinada e preparada para o combate à criminalidade violenta, atendendo ocorrências de vulto como: roubos executados por quadrilhas, latrocínios, extorsões mediante seqüestro e tráfico de entorpecentes.

A RONE se utiliza de viaturas de médio porte, compostas por guarnições com quatro ou cinco policiais militares comandadas por graduados, que estão diretamente subordinados ao Oficial comandante do pelotão.

Ela também dispõe de armamentos e equipamentos específicos, uniformes camuflados, os quais propiciam melhores condições de progressão, tanto no ambiente urbano como no rural, tendo como objetivo principal a forte capacidade de ação e reação na prevenção e repressão ao crime, principalmente por meio das abordagens e da busca pessoal.

Com relação às missões do efetivo da RONE, destaca-se a missão principal, a qual se trata do controle de distúrbios civis, da contraguerrilha urbana e rural, e da ocupação, defesa e retomada de pontos sensíveis.

Como missão secundária, busca-se o recobrimento das áreas em apoio às Unidades de policiamento ostensivo, atuando diretamente nos bairros e locais onde o índice de criminalidade violenta prepondera. Atua também como policiamento de alto risco, com operações batida policial, bloqueio, presença, escoltas de dignitários e numerários e cercos policiais.

Cada equipe é composta por 04 (quatro) Policiais Militares da Unidade ou 05 (cinco), sendo 01(um) Policial Militar estagiário, tendo cada um suas atribuições específicas, estruturada da seguinte forma: o comandante da equipe será sempre um Oficial ou Graduado; o motorista será um cabo ou um soldado; a função de terceiro homem caberá ao soldado mais antigo; o quarto homem será o soldado mais moderno quando a equipe for composta por quatro PMs; e a função de quinto homem será exercida pelo policial militar estagiário.

A NGA também descreve minuciosa e detalhadamente as atribuições de cada integrante da equipe PM, além de definir a postura das equipes RONE durante a realização dos Pontos-Base e durante o patrulhamento.

Essas normas ainda estabelecem regras que devem ser obedecidas quando alguma das equipes se deparar com um acompanhamento tático, as quais devem ser seguidas à risca para evitar acidentes ou resultados indesejados.

As regras com relação à abordagem a veículos suspeitos e a pessoas suspeitas a pé também são ressaltadas, visando à perfeição da utilização das mais variadas técnicas possíveis para tal feito.

No tocante a uma das missões principais, o controle de distúrbios civis, verifica-se que no texto da NGA também são regulamentados os procedimentos necessários e fundamentais para a execução de tal mister sempre buscando a resposta mais adequada possível à sociedade. Cita-se a importância do treinamento adequado e continuando para que os PMs possam estar em condições de pronto emprego de forma rápida e disciplinada.

Há também a regulamentação com relação ao deslocamento de viaturas RONE em comboio visando à eficiência e à fluidez do trânsito. Também há o cuidado de se tratar sobre a postura dos policiais da RONE perante a imprensa, os quais devem apenas informar o que ocorreu no local, evitando pré-julgamentos, discriminação e/ou opiniões pessoais, e em hipótese alguma deve questionar ou opinar sobre decisões de comando e/ou políticas.

A RONE regulamenta normas relativas ao atendimento de ocorrências envolvendo outras unidades, além de tratar sobre o estágio obrigatório de capacitação para inclusão na RONE; do estágio de capacitação para permanência na RONE e do estágio para se tornar motoristas das viaturas desse grupo.

Além de todas essas normas, estão escritos todos os procedimentos a serem realizados e verificados durante uma abordagem a bar, ou em locais ermos e favelas, por exemplo; somando-se ainda as regras básicas para se realizar uma refeição ou lanche.

São descritos ainda os conhecimentos básicos que todo policial da RONE deve obrigatoriamente saber para se manter dentro do grupo e atento a todas as missões delegadas. As proibições também são citadas taxativamente para que todos os policiais saibam exatamente o que não podem fazer de maneira alguma.

As últimas regras estabelecidas pela NGA se referem aos procedimentos a serem tomados quando ocorrem acidentes envolvendo viaturas da RONE; quando ocorre confronto armado com os policiais desse grupo; e quando se relacionam com o público externo.

Portanto, depois de verificar o conteúdo das Normas Gerais de Ação das Rondas Ostensivas de Natureza Especial da Companhia de Choque da Polícia Militar do Paraná, percebe-se a quantidade imensa de regras e procedimentos a serem seguidos por esses policiais militares.

Verifica-se, dessa forma, que a tarefa diária de trabalho desses policiais não é nada fácil nem simples, pois, devem estar atentos a tudo e a todos para cumprir rigorosamente suas missões. São policiais de elite que gostam e sentem prazer pelo que fazem, porém, sofrem pressão e cobrança de si mesmos e da própria sociedade para que nada ocorra de errado em seu trabalho, isto é, que não cometam erros jamais.

Essa cobrança demasiada pode causar um estresse prejudicial à vida desses profissionais que tanto lutam pelo bem de todos. Muitas vezes, pensam demais no bem-estar e na vida dos outros que acabam por se esquecerem de si mesmos e de suas famílias, o que acaba por prejudicar a sua qualidade de vida e sua própria saúde, gerando desconforto e frustração.

Por fim, para buscar dados mais relevantes a respeito da ocorrência do estresse nos policiais da RONE, foi confeccionado um questionário para ser respondido por cinquenta policiais; além de três entrevistas realizadas com uma assistente social do Centro Terapêutico da PMPR, com uma psiquiatra do Hospital da Polícia Militar e com o Ten. Zancan, o qual respondia pelo Comando da RONE na data da entrevista. Todos esses dados serão apresentados a seguir.

4.2.1 Questionários

Tomando por referência a base teórica estudada, verificadas as peculiaridades do assunto, em especial os objetivos a serem atingidos por este estudo, passou-se a perguntar a uma amostra de cinquenta policiais militares da RONE sobre o estresse a que são submetidos em suas rotinas diárias de trabalho.

Dessa forma, verificou-se que, segundo a Companhia de Polícia de Choque, o total atual do efetivo da RONE é de cento e dez homens, portanto, essa pesquisa abrangeu uma parcela significativa de 46% de todo o efetivo, haja vista que todos os questionários entregues foram respondidos pelos policiais, chegando-se aos seguintes resultados:

A questão 1 (gráfico 1) questionava a idade do policial militar questionado.

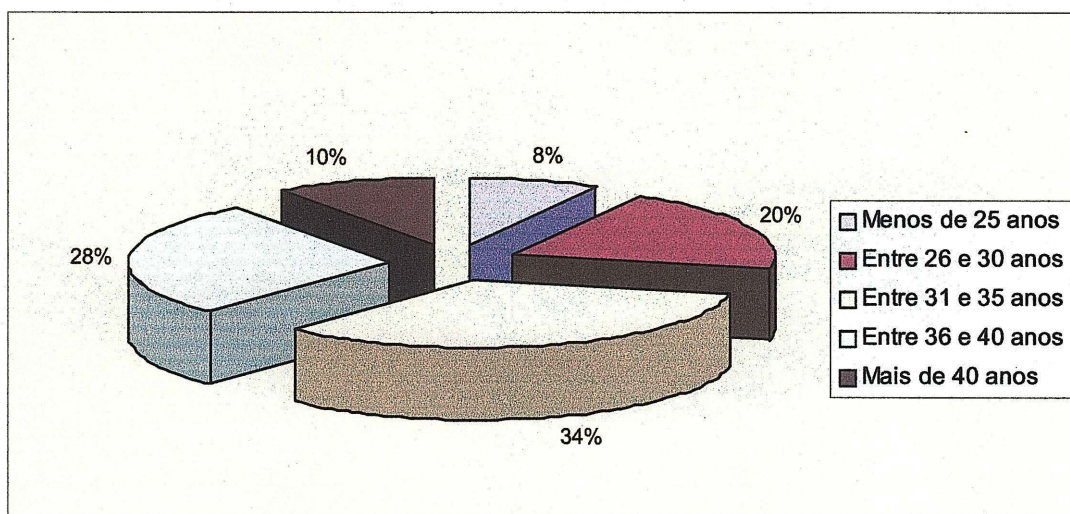


GRÁFICO 1. IDADE DO PM QUESTIONADO

FONTE: Os autores (2009)

Por meio dessa questão ficou evidenciado, por amostragem, tratar-se de uma tropa madura, em que a faixa etária preponderante está entre 31 e 35 anos. Logo em seguida, entre os 36 e 40 anos. Isto restou comprovado, tratar-se de profissionais merecedores de atenção especial, em face dos limites a que são submetidos os profissionais nesta atividade.

A questão 2 (gráfico 2) questionava se o PM considerava sua jornada de trabalho estressante.

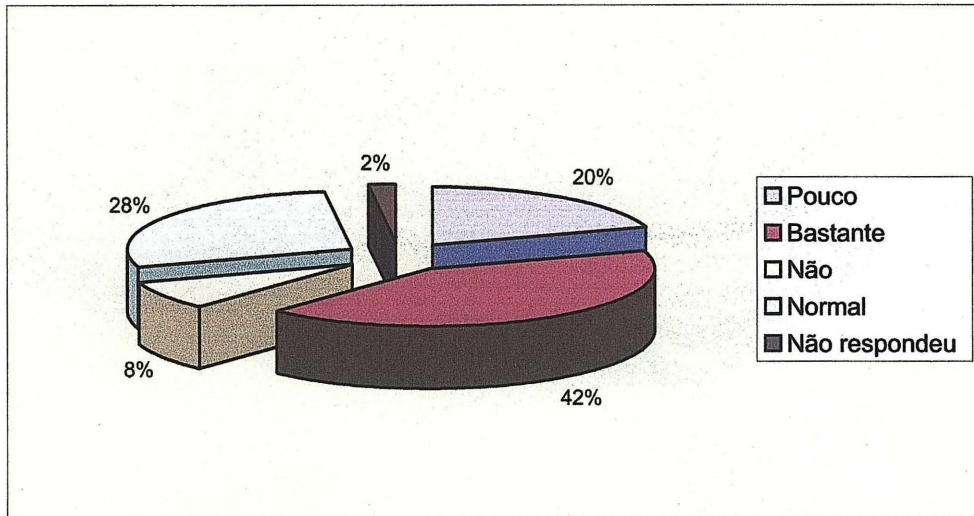


GRÁFICO 2. CONSIDERAÇÃO DO PM SOBRE SUA JORNADA DE TRABALHO QUANTO À INCIDÊNCIA DO ESTRESSE

FONTE: Os autores (2009)

Neste quesito, dado interessante, traduziu que aproximadamente 50% do público alvo considerara a jornada de trabalho estressante. Vale salientar que não foram submetidos a nenhuma aplicação científica que pudesse revelar com precisão o verdadeiro grau de estresse da jornada de trabalho a que os integrantes da RONE são expostos.

A questão 3 (gráfico 3) questionava qual o tempo estimado em que o PM trabalha na RONE.

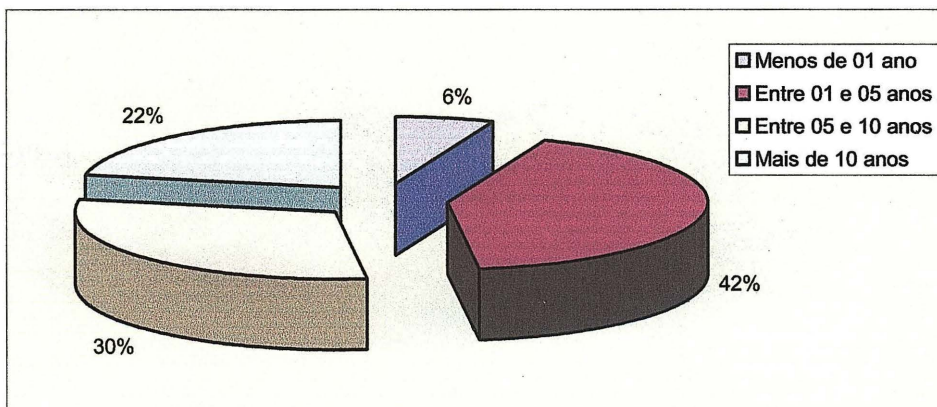


GRÁFICO 3. TEMPO EM QUE O PM TRABALHA NA RONE

FONTE: Os autores (2009)

Nesta questão, em que pese a tropa ser constituída na sua maioria de policiais maduros de acordo com a primeira questão, constatou-se que um efetivo considerável estava com pouco tempo de serviço nas Rondas Ostensivas de Natureza Especial. Portanto, trata-se de profissionais com parcela significativa que possui no máximo cinco anos de serviço.

A questão 4 (gráfico 4) questionava qual a escala de serviço que o PM cumpria na RONE.

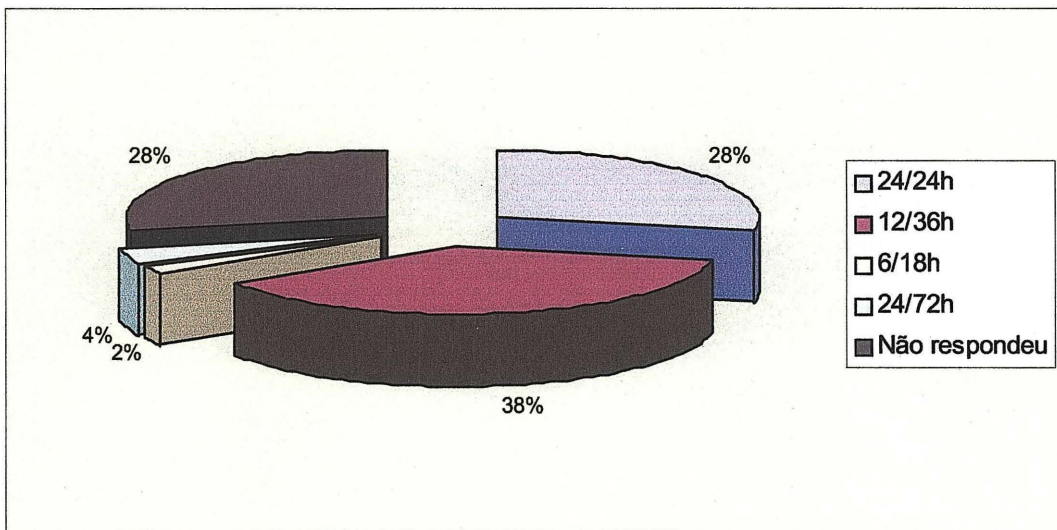


GRÁFICO 4. ESCALA DE SERVIÇO CUMPRIDA PELO PM DA RONE

FONTE: Os autores (2009)

Com relação às escalas de serviço, vislumbrou-se uma diversidade de escolhas, as quais acredita-se que tenham sofrido influência dos seguintes fatores: por diversas vezes a RONE vem sendo submetida às escalas extras, como se poderá ver adiante na questão 7; outro fator é a questão da impossibilidade de aplicação do questionário a todo efetivo da RONE em uma única vez, fator que resultou na escolha da alternativa correspondente à escala a que estava sendo submetido naquele momento e não na escala costumeira.

A questão 5 (gráfico 5) questionava se o efetivo da RONE era suficiente para o bom desempenho das atividades da Unidade, sem causar desgaste físico e mental nos policiais.

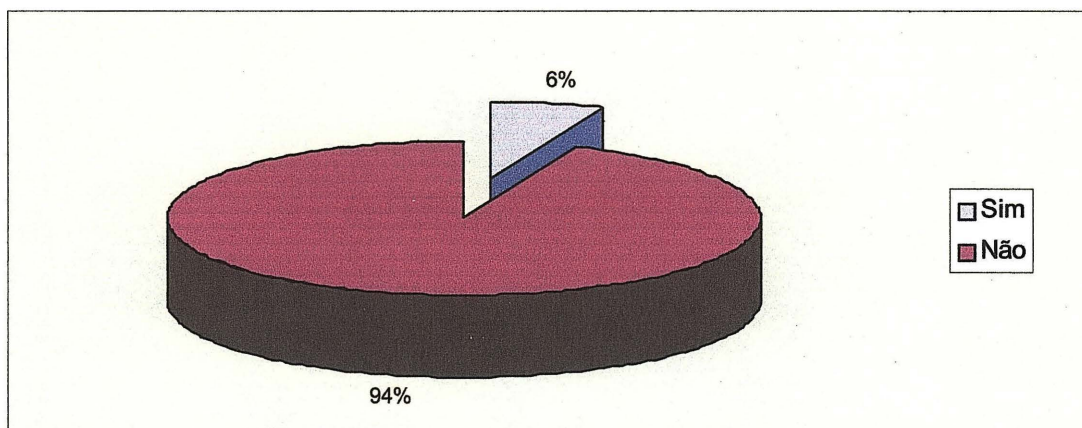


GRÁFICO 5. EFETIVO DA RONE É SUFICIENTE PARA O BOM DESEMPENHO DAS ATIVIDADES DA UNIDADE, SEM CAUSAR DESGASTE FÍSICO E MENTAL NOS POLICIAIS
 FONTE: Os autores (2009)

Nesse quesito, quase se obteve unanimidade. Ficou evidenciado que o contingente humano é insuficiente para o atendimento da demanda de ocorrências, o que gera desgaste físico e mental nos policiais, vez que se vêem diante de impossibilidades para proporcionar um desempenho melhor, que não resultasse em frustrações no sentimento do cumprimento do dever.

A questão 6 (gráfico 6) questionava se as situações em que o PM se envolve durante a sua jornada de trabalho apresentam um alto grau de periculosidade.

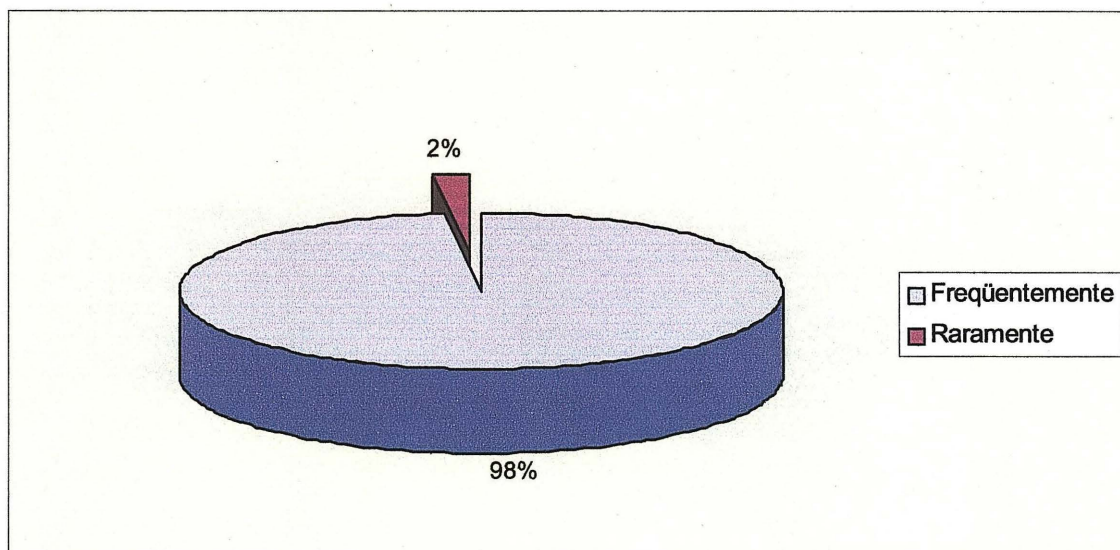


GRÁFICO 6. SITUAÇÕES EM QUE O PM SE ENVOLVE DURANTE A SUA JORNADA DE TRABALHO APRESENTAM UM ALTO GRAU DE PERICULOSIDADE
 FONTE: Os autores (2009)

Em se tratando de radiopatrulhamento de alto risco, restou comprovado que as atividades levadas a efeito pelos policiais militares da RONE, são extremamente perigosas, o que lhes submetem a uma exposição prolongada em estado de permanente vigilância.

A questão 7 (gráfico 7) indagava a frequência de escalas extras a que o PM é submetido.

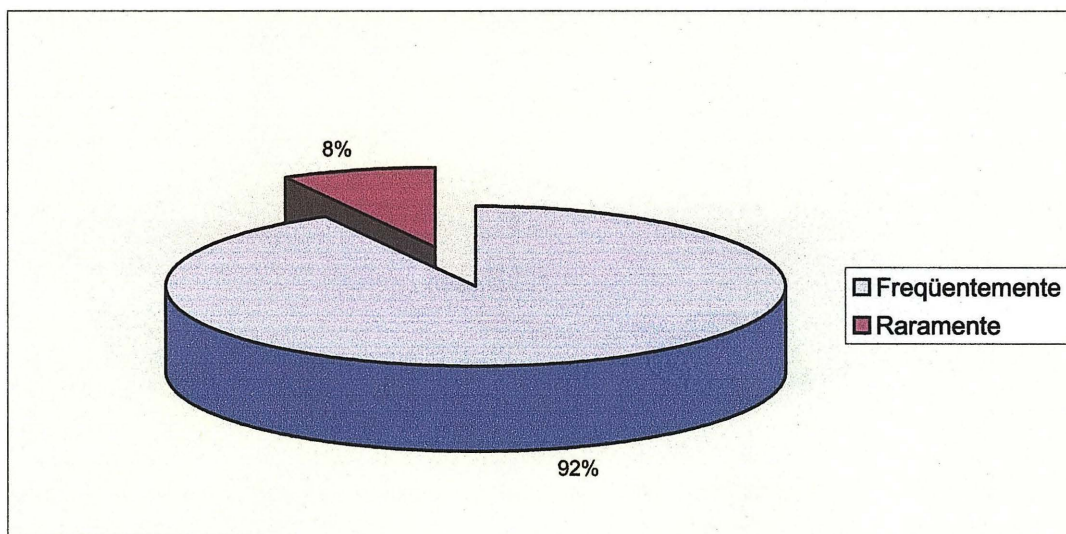


GRÁFICO 7. FREQUENCIA DE ESCALAS EXTRAS A QUE O PM DA RONE É SUBMETIDO
FONTE: Os autores (2009)

Também ficou amplamente comprovado que as escalas extras são uma constante na vida dos integrantes da tropa em questão. Não raras vezes são retirados do aconchego do lar, em seus períodos de folga e descanso, para atender determinações para o cumprimento de atividades estranhas à normalidade da rotina, ficando prejudicada a reposição das energias, permanecendo novamente expostos à vigilância que a natureza do serviço requer.

A questão 8 (gráfico 8) perguntava a frequência de atividades de lazer dentro do ambiente profissional.

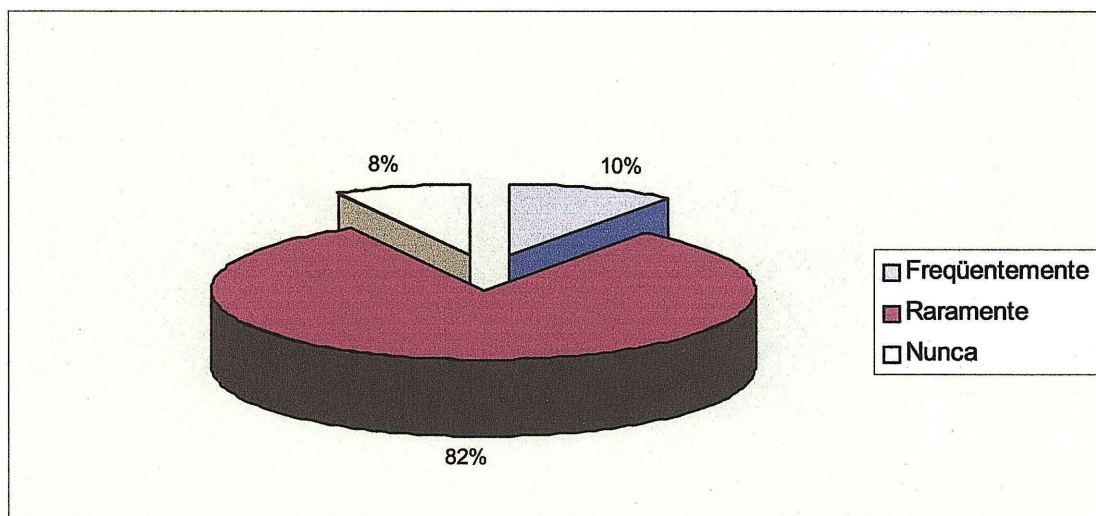


GRÁFICO 8. FREQUENCIA DE ATIVIDADES DE LAZER DENTRO DO AMBIENTE PROFISSIONAL
 FONTE: Os autores (2009)

A atividade de lazer é de primordial importância para se diminuir o nível de estresse em indivíduos que costumemente ficam expostos às situações de risco. Todavia, o que ficou constatado na pesquisa em tela foi a baixíssima frequência a que os integrantes da RONE são beneficiados com atividades que colaborem com a redução deste mal. O percentual é preocupante, haja vista que iniciativas para tal desiderato não são realizadas com a frequência devida, fato comprovado pela ocorrência permanente de escalas extras.

A questão 9 (gráfico 9) era sobre a ocorrência da participação em confronto armado por parte do PM da RONE.

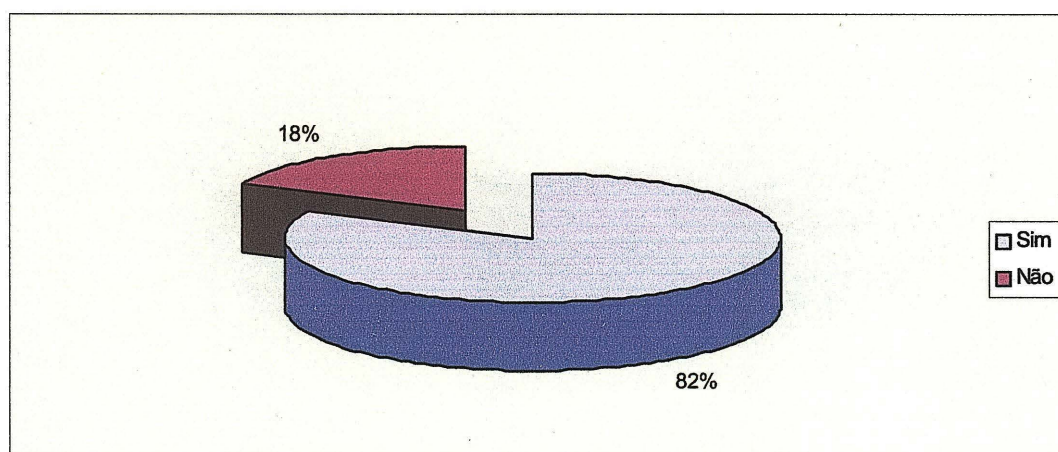


GRÁFICO 9. PARTICIPAÇÃO EM CONFRONTO ARMADO
 FONTE: Os autores (2009)

A respeito desse ponto, a experiência profissional dos autores permite afirmar que o momento crucial de uma ação policial é a abordagem. É nesta hora que policiais podem se confrontar com infratores da lei, dispostos a tudo, inclusive a fazer uso de armas de fogo. Em sendo a RONE uma atividade de alto risco, notou-se que o contingente policial considerável se envolveu em riscos extremos, com grande probabilidade de serem alvejados.

A questão 10 (gráfico 10) perguntava sobre a ocorrência do PM da RONE enfrentar um confronto armado por mais de uma vez.

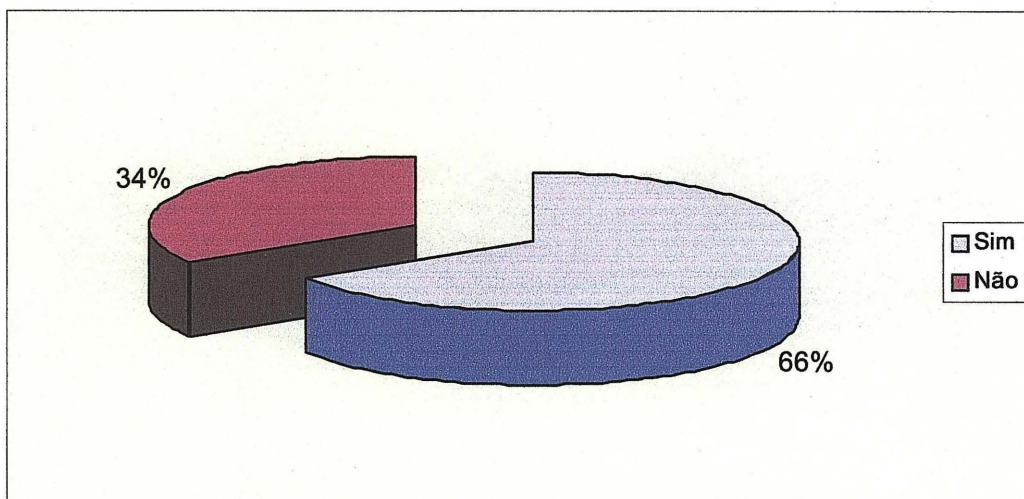


GRÁFICO 10. OCORRÊNCIA DO PM DA RONE ENFRENTAR UM CONFRONTO POR MAIS DE UMA VEZ

FONTE: Os autores (2009)

Novamente considerando que o momento crucial da ação policial é a abordagem, em que as vidas de policiais, de terceiros e de infratores ficam expostas a riscos extremos, ficou evidenciado que 66 % dos policiais entrevistados da RONE já tiveram esta experiência por mais de uma vez, o que é altamente preocupante ou até mesmo alarmante, tendo em vista que a carga de estresse sofrida em experiências do gênero é incomum.

A questão 11 (gráfico 11) versava sobre a ocorrência de óbito do marginal nos confrontos armados anteriormente questionados.

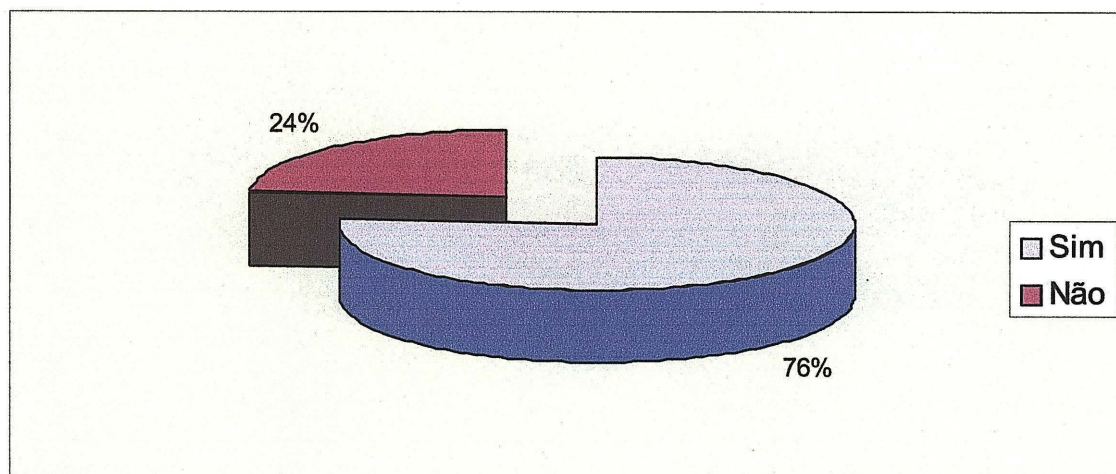


GRÁFICO 11. OCORRÊNCIA DE ÓBITO DO MARGINAL NOS CONFRONTOS ARMADOS
 FONTE: Os autores (2009)

Outro dado que chamou a atenção foi a frequência com que o efetivo em consideração, se defrontou com óbitos, resultantes de confrontos armados. Aproximadamente 80 % dos questionados se envolveram em ocorrências policiais, as quais resultaram em ferimentos fatais, índices que demandam atenção haja vista que a pesquisa atingiu um universo reduzido de pessoas que responderam ao questionário.

A questão 12 perguntava quais sintomas que o PM da RONE costuma sentir em casa após sua jornada de trabalho. Na letra "a" (gráfico 12) desta questão, questionava sobre a ocorrência da fadiga no PM da RONE.

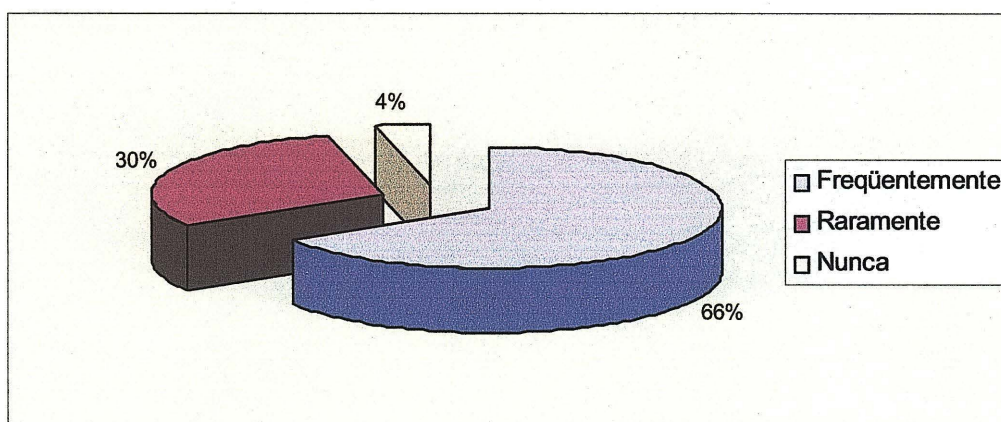


GRÁFICO 12. OCORRÊNCIA DE FADIGA APÓS A JORNADA DE TRABALHO
 FONTE: Os autores (2009)

Por meio do presente questionário verificou-se, por amostragem, que quase 70% do efetivo avaliado é submetido a uma jornada de trabalho causticante, a qual consegue produzir cansaço e fadiga nos policiais. Somente 4% responderam que nunca se sentiram desgastados fisicamente.

Na letra “b” da questão 12 (gráfico 13), questionava sobre a ocorrência do nervosismo (agitação, afobação fora do normal) no PM da RONE, após sua jornada de trabalho.

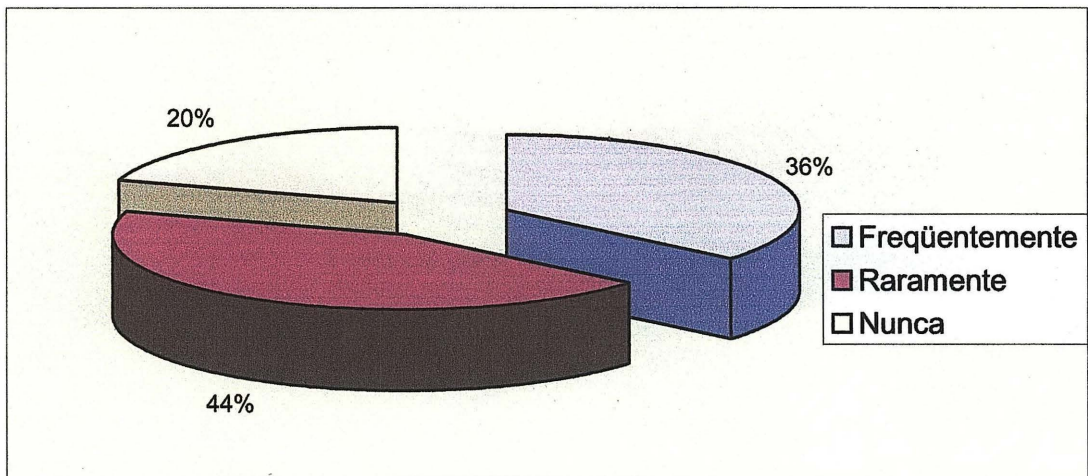


GRÁFICO 13. OCORRÊNCIA DE NERVOSISMO APÓS A JORNADA DE TRABALHO
 FONTE: Os autores (2009)

A maior parte tropa demonstrou, por meio das respostas que, raramente sente sintomas de nervosismo, o que não quer dizer que não seja acometida de nenhum mal; tal afirmação tem fundamento face aos 36 % do público alvo sentir os mesmos sintomas frequentemente.

Na letra “c” da questão 12 (gráfico 14), versava sobre a ocorrência de irritabilidade (incomodação por qualquer coisa) no PM da RONE, após sua jornada de trabalho.

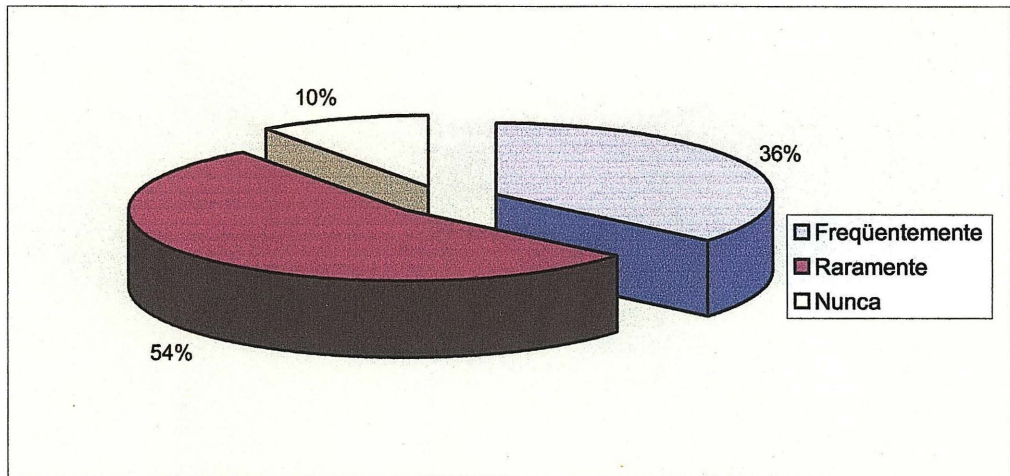


GRÁFICO 14. OCORRÊNCIA DE IRRITABILIDADE APÓS A JORNADA DE TRABALHO
 FONTE: Os autores (2009)

No item irritabilidade, mais da metade dos policiais que responderam ao questionário, raramente incomoda-se por qualquer coisa; mostram que possuem controle emocional, o qual é um fator indispensável em uma força policial especial.

A letra “d” da questão 12 (gráfico 15) perguntava sobre a ocorrência de sentimento de raiva (zangado, irado, agoniado) no PM da RONE, após sua jornada de trabalho.

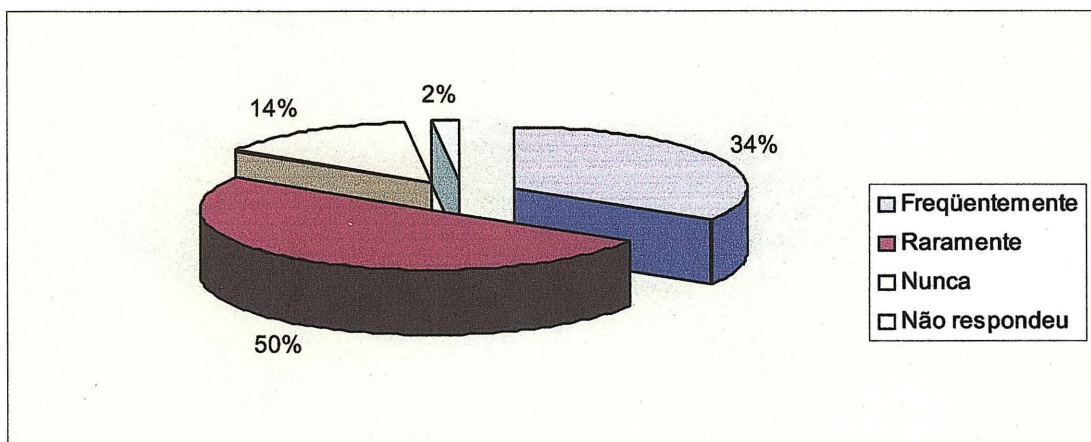


GRÁFICO 15. OCORRÊNCIA DE SENTIMENTO DE RAIVA APÓS A JORNADA DE TRABALHO
 FONTE: Os autores (2009)

Exatamente 50% não se sentem com raiva, ficam zangados ou irados. Mas 34% responderam que sentem raiva, ira ou agonia. Considerando que os resultados são frutos de pesquisa por amostragem, infere-se que num universo maior é uma tropa que demanda atenção especial.

A letra “e” da questão 12 (gráfico 16) versava sobre a ocorrência de períodos de depressão no PM da RONE, após sua jornada de trabalho.

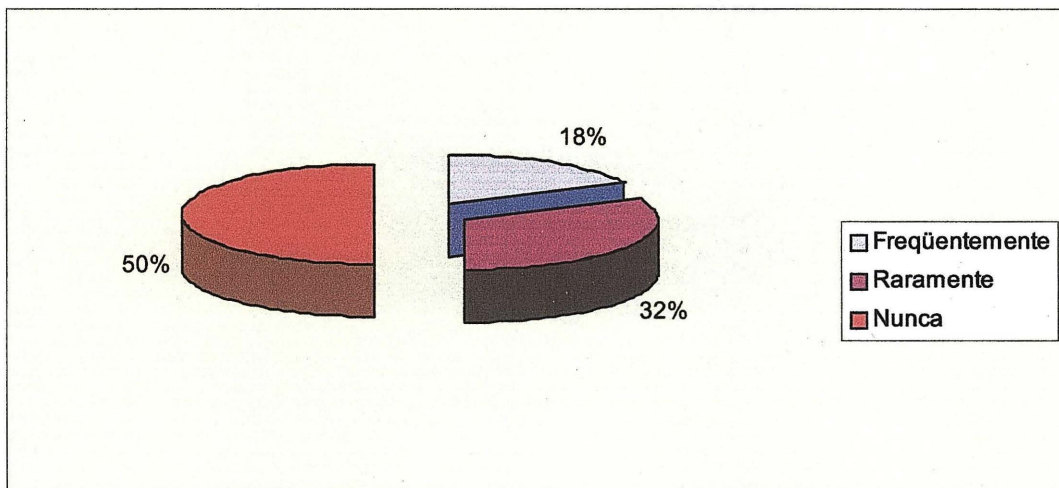


GRÁFICO 16. OCORRÊNCIA DE PERÍODOS DE DEPRESSÃO APÓS A JORNADA DE TRABALHO
 FONTE: Os autores (2009)

Essa é uma pergunta que nem sempre pode indicar dados fidedignos. Costumeiramente as pessoas não sabem o momento que lhes caracteriza como depressivas. Só chegam a saber quando os sintomas são evidentes e corroborados com avaliação médico-psicológica. Entretanto, esta questão foi colocada propositalmente para se verificar quantos integrantes da RONE se consideravam em estado depressivo. Verificou-se que, mesmo sem qualquer endosso profissional, os índices são preocupantes.

A letra “f” da questão 12 (gráfico 17) perguntava-se sobre a ocorrência de dores no estômago do PM da RONE, após sua jornada de trabalho.

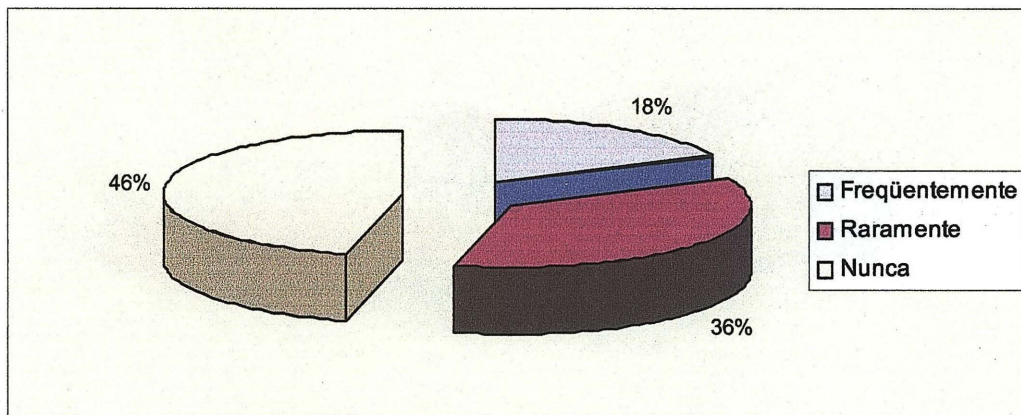


GRÁFICO 17. OCORRÊNCIA DE DORES NO ESTÔMAGO APÓS A JORNADA DE TRABALHO
 FONTE: Os autores (2009)

Dores no estômago por vezes podem indicar ligação com o nível de exposição a estresse provocado por diversos motivos, dentre eles, o serviço policial. Em alguns casos podem se transformar em problemas gástricos mais severos. Notou-se que essa manifestação não é muito peculiar no público investigado, perfazendo um total de 18% dos questionados.

A letra "g" da questão 12 (gráfico 18) questionava sobre a ocorrência de dores no músculo do pescoço e ombros do PM da RONE, após sua jornada de trabalho.

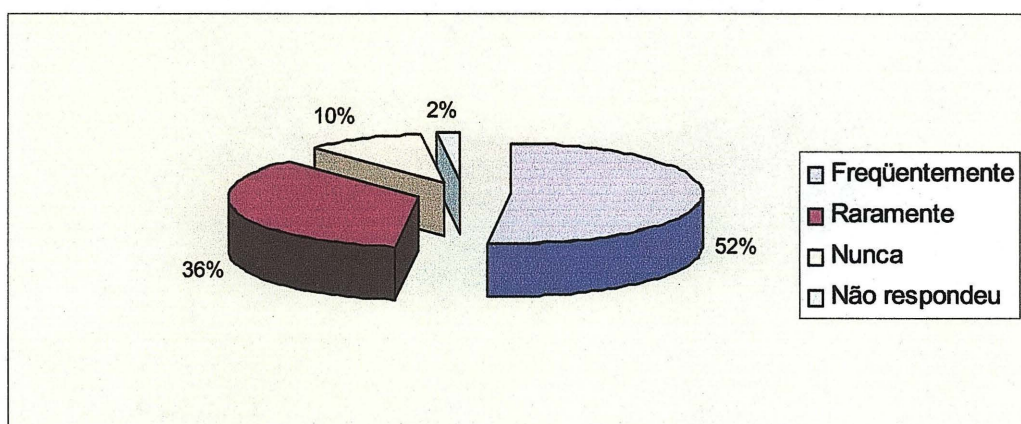


GRÁFICO 18. OCORRÊNCIA DE DORES NO MÚSCULO DO PESCOÇO E OMBROS APÓS A JORNADA DE TRABALHO
 FONTE: Os autores (2009)

A tensão e o grau elevado de vigilância a que são expostos tais profissionais os leva a permanecerem em estado de alerta durante todo o turno de serviço. Aliado ao grau de perigo e à preocupação de realizarem suas atividades sempre com grau de excelência, exigindo-se de si próprios o limite do que se pode apresentar, tudo no sentido de permanecerem com o "status" de especiais.

A letra "h" da questão 12 (gráfico 19) perguntava-se sobre a ocorrência de dificuldade para dormir no PM da RONE, após sua jornada de trabalho.

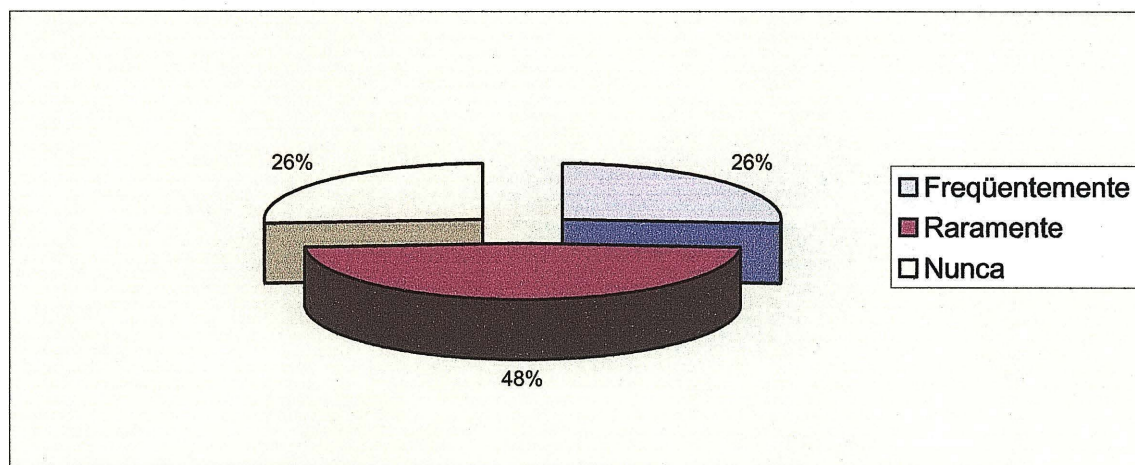


GRÁFICO 19. OCORRÊNCIA DE DIFICULDADE PARA DORMIR APÓS A JORNADA DE TRABALHO

FONTE: Os autores (2009)

A apresentação de insônia não se mostrou como um dos fatores mais preocupantes. Entretanto não se pode menosprezar esse indicador, em face de um percentual considerável sentir essas manifestações de estresse, levando-se em consideração que a pesquisa foi realizada por amostragem.

A questão 13 (gráfico 20) perguntava há quanto tempo tinha sido a última consulta do PM da RONE a um psicólogo ou psiquiatra.

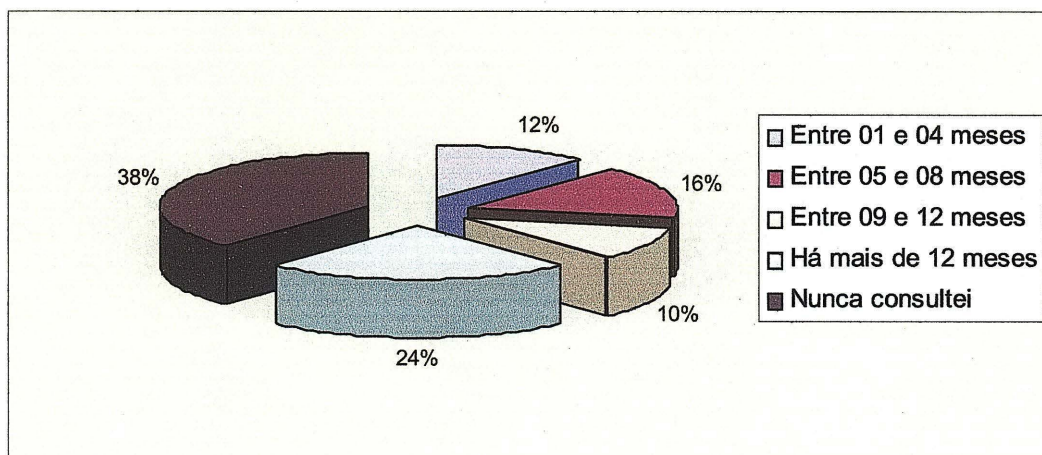


GRÁFICO 20. HÁ QUANTO TEMPO FOI A ÚLTIMA CONSULTA DO PM A UM PSICÓLOGO OU PSQUIATRA

FONTE: Os autores (2009)

Ficou constatado que para um contingente que costumeiramente fica exposto a situações de extremo perigo, as quais com grandes probabilidades resultam em perdas de vidas, o acompanhamento médico-psicológico é deficitário. A visita a esses profissionais foi rarefeita, culminando no envio de tropa à atividade de policiamento de alto risco, sem a consequente avaliação por profissionais da área médico-psicológica.

A questão 14 (gráfico 21) versava sobre a frequência, durante a semana, do uso de álcool por parte do PM da RONE.

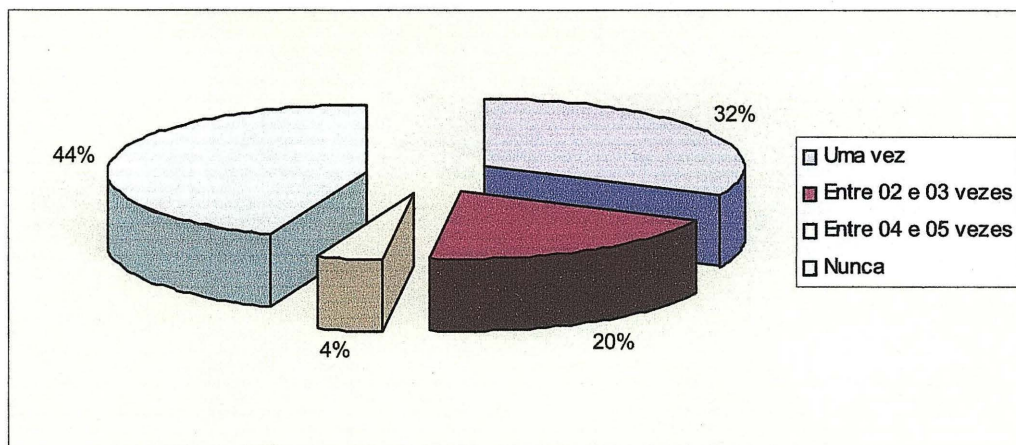


GRÁFICO 21. FREQUENCIA DURANTE A SEMANA DO USO DE ÁLCOOL
FONTE: Os autores (2009)

Nesta questão, verificou-se um dado surpreendente: quase 50% do público alvo diz não fazer uso de álcool. Isso traduz um indicativo benéfico à saúde física e mental da tropa, contribuindo para sua qualidade geral de vida.

A questão 15 (gráfico 22) era sobre a frequência do uso de substância entorpecente por parte do PM da RONE.

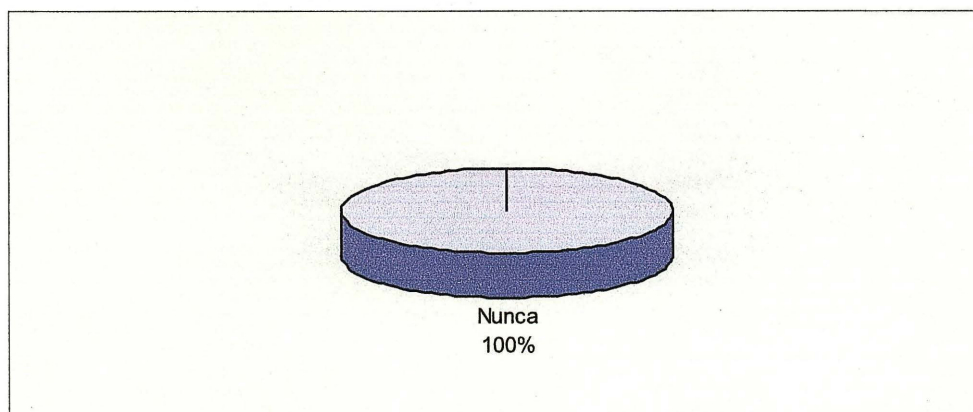


GRÁFICO 22. FREQUENCIA DO USO DE SUBSTÂNCIA ENTORPECENTE
FONTE: Os autores (2009)

Também se constatou que a unanimidade de policiais respondeu que nunca faz/fez uso de substância entorpecente, traduzindo-se em fator motivador, mesmo em um ambiente de tamanha complexidade e periculosidade.

A questão 16 (gráfico 23) perguntava sobre o estado civil do PM da RONE.

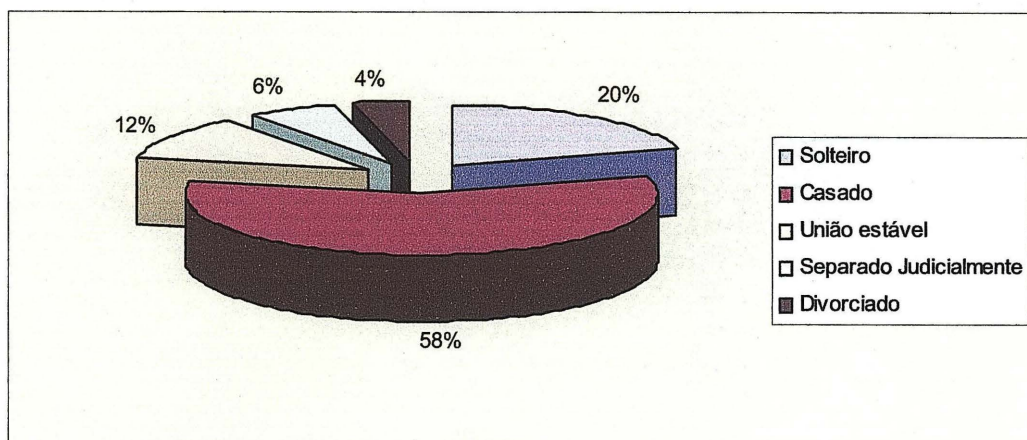


GRÁFICO 23. ESTADO CIVIL

FONTE: Os autores (2009)

Não foi vislumbrada uma influência muito acentuada no tocante à alteração ao estado civil dos policiais em tela.

A questão 17 (gráfico 24) era sobre a interferência da atividade profissional do PM da RONE em sua relação conjugal.

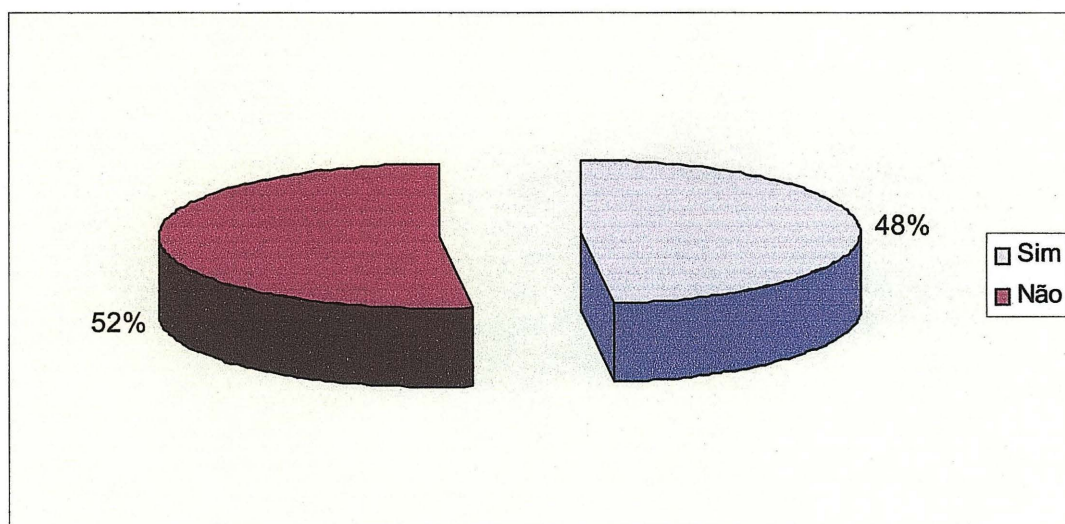


GRÁFICO 24. INTERFERÊNCIA DA ATIVIDADE PROFISSIONAL NA RELAÇÃO CONJUGAL

FONTE: Os autores (2009)

O exercício de uma atividade que expõe frequentemente seus agentes a situações de extremo estresse, em que costumeiramente uma das partes da relação conjugal está ausente cumprindo escalas extras, só poderia interferir na qualidade

desse enlace. Ficou amplamente confirmado num universo de 48 % dos questionados, que a vida conjugal é interferida pela atividade desenvolvida pela necessidade da profissão que abraçaram.

A questão 18 (gráfico 25) perguntava se o PM da RONE já havia sentido desejo de cometer suicídio.

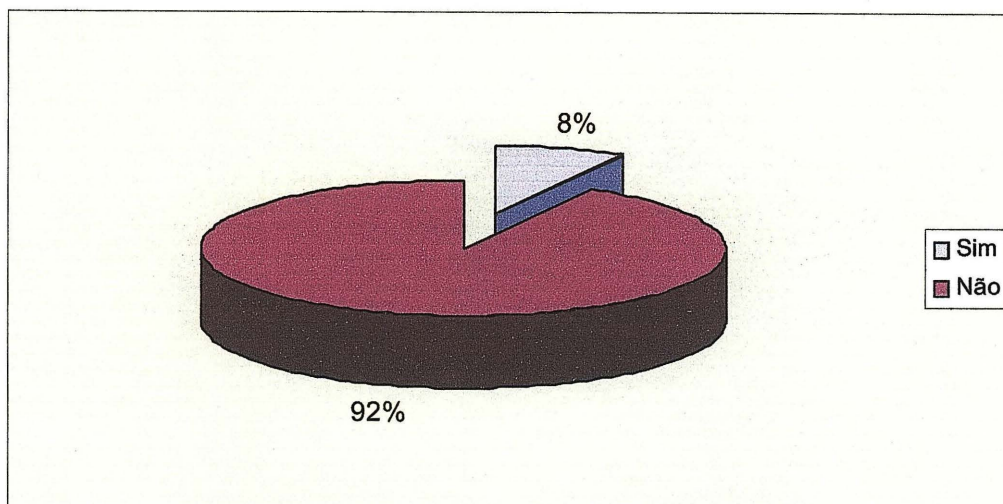


GRÁFICO 25. DESEJO DE COMETER SUICÍDIO

FONTE: Os autores (2009)

Verificou-se por meio do questionário utilizado, dados preocupantes, em se tratando de um reduzidíssimo percentual avaliado quanto ao número de policiais que já sentiram o desejo de suicídio. O valor de 8% se mostra como um dado verdadeiramente alarmante.

Dessa forma, é interessante observar ter ficado claro que, em virtude dos dados, sentimentos e situações levantadas nos questionários, resta evidenciando que parte dos policiais da RONE sofre de estresse, o qual interfere na vida profissional e pessoal desses profissionais.

Portanto, a proposta da criação de um sistema que previna e minimize os efeitos desse estresse, além de ser importante para melhorar a qualidade de vida do policial, para a segurança da praça ou oficial, além de outras vantagens, servirá também para melhorar a união e o desempenho dos policiais da RONE em seu serviço diário.

4.2.2 Entrevistas

Com relação às entrevistas realizadas, inicia-se o relato da Assistente Social do Centro Terapêutico do Hospital da Polícia Militar, Sr^a Joelma Arlindo Viana. Ela fala primeiramente sobre a atividade desenvolvida pelo Centro Terapêutico supracitado com policiais que se envolveram em confronto armado, informando que esses PMs são encaminhados pelas Unidades de origem até a JOS, onde são avaliados por um psiquiatra que sugere um afastamento de cinco dias.

Ela informa ainda que o centro terapêutico, imediatamente, realiza uma marcação de consulta com a psicóloga que atende especificamente os casos de estresse pós-traumático. Porém, este retorno do PM não é obrigatório, ou seja, é voluntário, sendo que, no primeiro contato com o policial, as assistentes sociais tentam identificar como que ele se encontra emocionalmente e, se é o caso de realizar o encaminhamento direto para o ambulatório de psiquiatria, pois, em muitos casos, o PM já apresenta outras questões problemáticas, tais como dentro da família ou no próprio trabalho.

A Sr^a Joelma relata ainda que o índice de freqüência no Centro Terapêutico de policiais da RONE é alto, sendo que a toda a equipe PM é avaliada e tratada. Ela acrescenta que muitos dos policiais da RONE procuram esse serviço por várias vezes.

Ela informa ainda que os atendimentos preventivos de policiais da RONE são raros, sendo que com relação ao alcoolismo só se recorda do caso de apenas um PM que realizou esse tipo de tratamento.

Com relação a envolvimento com entorpecente, a assistente social informa que já houve casos de PMs da RONE em tratamento, porém, informa que, infelizmente, o policial apenas procura o serviço quando foge do seu controle, quando já se instalou a síndrome da dependência.

Quando questionada sobre a contribuição das atividades da RONE sobre transtornos na vida familiar, Joelma explica que o pouco tempo com a família e a irritabilidade que é constante gera conflitos familiares com a esposa e com os filhos, sendo exteriorizado por uma grande falta de paciência.

Ela diz que os policiais tentam justificar os problemas familiares por meio da rotina estafante do trabalho, o que causa insônia e irritabilidade constantes.

Joelma cita o trabalho desenvolvido pelo Centro Terapêutico, o qual se baseia no atendimento e acompanhamento do policial uma vez por semana, inicialmente. Posteriormente, passa a ser realizado quinzenalmente por meio de uma psicóloga, a qual verifica a necessidade de um tratamento psiquiátrico e/ou da introdução de medicamentos. Também existem psicólogas que realizam a acupuntura durante o tratamento, de forma voluntária, para maximizar os efeitos benéficos no paciente.

Quando perguntada sobre um trabalho preventivo a ser realizado pelo Centro Terapêutico, a assistente social informou que existe essa possibilidade, apenas bastaria que os batalhões apresentassem policiais de forma continuada a fim de realizarem essa atuação preventiva. Ela explica que essa medida evitaria uma série de conseqüências malélicas ao bem-estar e à saúde dos PMs.

No tocante ao estresse propriamente dito e ao desejo de suicídio por parte de policias da RONE, mais especificamente, Joelma fala que existe e gira em torno de 30 a 40% dos casos que são encaminhados ao Centro. Esse número se encontra na média do restante da Corporação, não apresentando discrepâncias com o restante do efetivo.

A assistente social explica ainda que a falta de um forte trabalho preventivo dentro da corporação gera conseqüências alarmantes. Ela diz que o que falta é os profissionais da área da saúde se deslocarem até os batalhões para realizar essa atuação preventiva, visando desmistificar questões a respeito da saúde mental, pois existe um certo preconceito por parte dos próprios policiais, os quais demonstram vergonha por estar procurando esse atendimento.

Com essa desmistificação, Joelma fala que muita coisa iria mudar no desenvolvimento do trabalho do Centro, pois o canal de comunicação estaria muito mais aberto, mudando a idéia que existe hoje de que o Centro Terapêutico só existe para questões de internamento.

Com relação à participação da família, a entrevistada explica que é fundamental a presença e o apoio dos familiares durante o tratamento, inclusive para que eles também se tratem de problemas que apresentem.

No tocante aos policiais da RONE que se envolvem em confrontos armados, a participação da família é baixa, pois os próprios policiais procuram deixar a família afastada, tanto do trabalho quanto do tratamento.

Os policiais também apresentam resistência em encaminhar familiares para tratamento de estresse por questões de preconceito, por falta de conhecimento da doença “estresse”; além de acharem que o tratamento de saúde mental serve apenas para pessoas malucas. Isso acaba prejudicando ainda mais o tratamento, fazendo com que os familiares apresentem uma piora do quadro da doença, prejudicando ainda mais a saúde e a qualidade de vida de toda a família.

A segunda entrevista foi realizada com a Dr^a Gisele Laguna Vitória, médica psiquiatra do Hospital da Polícia Militar, a qual inicialmente já diz que o seu número de pacientes da RONE de uma maneira geral é muito baixo girando em torno de dois a três desde que começou a trabalhar no Hospital.

Quando perguntado sobre o motivo do baixo índice de atendimento psiquiátrico haja vista o grande número de policiais da RONE que se envolveram em confrontos armados, a médica explicou que inicialmente existe um protocolo de atendimento que começa por uma triagem do serviço social do centro terapêutico, depois passa pelo atendimento psicológico, em que quase todos os policiais são atendidos, ficando de fora aqueles que não comparecem na consulta pré-agendada.

Ela explica que, de acordo com essa triagem e com a avaliação psicológica, eles podem ou não ser encaminhados para a psiquiatria. Portanto, a grande maioria não chega a ser atendido na psiquiatria, devido a não haver uma necessidade detectada nessas primeiras avaliações ou por uma resistência própria.

A Dr^a Gisele informa que sabe de pacientes que nunca chegou a atender, mas que foram encaminhados, porém, não vieram por resistência deles mesmos, por acharem que “é coisa de maluco”

A médica Gisele conta ainda que não existe nenhum protocolo de prevenção ao atingimento de níveis alarmantes de estresse. O que consegue fazer hoje é detectar o estresse quando os policiais passam pelo confronto; ou em alguns casos, preventivamente, porque o confronto não é a causa principal do problema, mas sim o estresse acumulado; porém não existe nenhum tratamento preventivo específico para o estresse.

Ela explica que para realizar um tratamento preventivo, o Centro Terapêutico da PMPR necessitaria de mais material humano e uma melhor estrutura física, pois hoje existem vezes que todas as salas estão cheias, não sobrando lugares para atender os demais pacientes.

Gisele acrescenta que no ano de 2008 foi iniciado um programa clínico preventivo (e não psicológico) com um dos batalhões da capital, em que foram realizadas palestras e reuniões com os policiais aos sábados. A estrutura demandada foi grande, em que foi necessária a presença de um médico clínico para realizar os exames de avaliação básica; além de recursos humanos do centro terapêutico que não trabalhavam no sábado e que tiveram que ser convocados para comparecer. Dessa forma, esse programa durou apenas duas semanas e não prosseguiu haja vista a falta de interesse dos próprios policiais.

No encerramento da entrevista, a Dr^a Gisele acrescentou que, com relação ao estresse na RONE, o principal ponto chave é a idéia de que o policial não deve e não pode sentir. Essa questão, a psiquiatra define como sendo extremamente prejudicial; ela concorda totalmente que o PM não pode demonstrar sentimento em ocorrência, porém, isso não significa que ele não possa sentir.

Essa idéia de não sentir acaba fazendo com que ele minta para si mesmo que não está sentindo, acabando por sufocar esses sentimentos em algum lugar e que, mais cedo ou mais tarde, isso irá “explodir”. E quando acontece isto, é notório que já saiu do controle, porém, se ele conseguir se perceber antes e sentir antes, ele vai ter como procurar ajuda com antecedência, necessitando de menos tempo de afastamento, de menos recursos financeiros com medicação, enfim, a prevenção ajudaria muito no tratamento.

A última entrevista foi realizada com o 1º Ten. QOPM Gustavo Dalledone Zancan, o qual respondia pelo Comando da RONE na data da entrevista. Ele inicia falando sobre a atividade desenvolvida pela RONE atualmente, com ênfase na atividade básica como tropa aquartelada pronta para o controle de distúrbios civis, a qual é a missão precípua da RONE. Ele fala também que fazem, na ausência de missão extraordinária, patrulhamento policial de alto risco em Curitiba e Região Metropolitana e, por vezes, no interior do Estado como, por exemplo, em reintegração de posse ou operações específicas.

Ele explana também sobre as características do radiopatrulhamento de alto risco, o qual utiliza viaturas de grande porte, além de equipamentos especiais, armamentos e o número mínimo de quatro policiais por equipe, e de quatro a cinco policiais por viatura, executando patrulhamento nas regiões de maior incidência de ocorrências na cidade de Curitiba e Região Metropolitana, principalmente.

Ele relata que, além das abordagens que são freqüentes durante todo o turno de serviço, as viaturas se deslocam frequentemente para as ocorrências de maior gravidade, seja de roubo e/ou ocorrências envolvendo arma de fogo, tentativa de suicídio, ameaça com arma, briga de família que envolve arma de fogo, seqüestro com refém, roubo de veículo, etc.

Com relação ao estresse na RONE, o Ten. Zancan fala que as atividades exigem do policial uma atenção durante todo o tempo de serviço, portanto, ele tem de estar atento o máximo possível, escutando as transmissões via rádio dos Batalhões de área, a fim de obter as informações de forma mais rápida para que possam chegar com mais rapidez e eficiência no apoio às Unidades Operacionais.

Dessa forma, o Comandante da RONE em exercício verifica que a atenção contínua durante todo o turno de serviço, a preocupação com a segurança da equipe durante o patrulhamento, a cautela na chegada a ocorrências, a utilização das técnicas e táticas geralmente efetivadas vêm a gerar um certo estresse, pois existe a necessidade de uma atenção especial do PM durante todo esse turno de patrulhamento.

Com relação há medidas visando minimizar os índices de estresse da tropa da RONE, o Ten. Zancan relata que existem algumas confraternizações que são feitas entre os policiais, algumas poucas também envolvendo as suas famílias como por exemplo, festas de final de ano, dia das crianças, além de uma competição esportiva anual interna da Companhia, a qual geralmente ocorre no aniversário da Companhia de Choque.

Ressalta também que o Comando da RONE busca propiciar uma escala em que o policial tenha um período de descanso junto à família para que consiga se desligar da atividade de rua durante esse período de folga.

Ele verifica, ainda, que em alguns casos mais graves em que o policial passa a aparentar um desequilíbrio emocional devido ao estresse que ele fica exposto, as medidas tomadas são as mesmas adotadas pelas outras unidades, ou seja, utiliza-se do serviço de assistência social da polícia militar.

Dessa forma, o PM é encaminhado pela Companhia ao SAS para fazer uma consulta e, geralmente, é fornecido um atestado médico para repouso, afastado do serviço, para que possa descansar em casa com sua família.

Com relação aos policiais que enfrentam um confronto armado, o Oficial conta que existe um procedimento padrão a ser adotado, em que o policial se apresenta o mais breve possível aos psicólogos do SAS. Ele fala que o SAS realiza uma entrevista em que, normalmente, é concedido um período de tempo, o qual oscila entre cinco a quinze dias dependendo da consulta, por atestado médico para que esse policial possa ficar afastado do serviço.

Fora esse serviço do SAS, existe o acompanhamento feito pelo Comandante do Pelotão, o qual acompanha o comportamento do policial e, se houver alguma alteração grave, traz ao conhecimento do Comandante da Companhia a fim de que seja tomado algum outro tipo de providência.

No tocante aos problemas familiares advindos da atividade da RONE, o Ten. Zancan informa que, na realidade, os problemas que por vezes surgem e que chegam ao conhecimento do Comando são problemas que ocorrem também em outras unidades, como por exemplo, o problema de pensão alimentícia, de desacordo familiar, com a esposa, com filhos, porém não difere muito da realidade de outras unidades da Polícia Militar.

Com relação ao afastamento do policial de sua família nos momentos em que é convocado a cumprir alguma missão no interior do Estado, o Comandante da RONE em exercício fala que o policial se sente na responsabilidade de contribuir com o melhor de si em todos os serviços que ele desenvolve. Acrescenta que a tropa da RONE é motivada e sempre procura trabalhar da melhor forma possível, seja em Curitiba ou em qualquer outro local do Estado. Ressalta que essas operações que são efetuadas fora de Curitiba, que afasta o policial por determinado tempo, são bem vistas até pelos policiais, pois existe a situação do estímulo financeiro concedido pelas diárias. Porém, com relação ao caso familiar, o entrevistado fala que depende de cada caso em específico.

O Ten. Zancan acredita que o rótulo de tropa de elite e a luta constante para manter o nome e a credibilidade da instituição e principalmente da RONE perante a comunidade, na verdade, é um desafio que é bem visto pela tropa, pois é um estímulo a mais para que ele trabalhe dentro dos padrões exigidos na companhia.

Finalizando a entrevista, o Oficial conclui que a RONE trará um tipo de policiamento realmente diferenciado, em que os policiais que atualmente trabalham e os que já passaram por aqui têm uma dedicação especial, gostam do que fazem. Com relação ao nível de estresse, acredita que realmente possa ser até maior que em outras unidades, pois há a cobrança de se manter o nível de excelência da Companhia, portanto, para isso ele cobra de si mesmo para fazer parte de uma elite da polícia militar.

5 PROPOSTA

Após verificar todos os dados coletados e discutidos anteriormente, percebe-se que existe a necessidade da implantação de medidas diferenciadas para otimizar o sistema atual utilizado pelo Centro Terapêutico da PMPR, pelo HPM e também pela própria Companhia de Polícia de Choque a respeito dos policiais que trabalham na RONE em específico, os quais são os objetos desse estudo.

Dessa forma, sugere-se a formulação e a operacionalização de um sistema preventivo contra o estresse, podendo ser incluídas algumas outras doenças laborais nesse tratamento, junto ao efetivo da RONE, o qual é constituído hoje por aproximadamente cento e dez policiais.

Esse tratamento preventivo se constituiria de um acompanhamento constante e contínuo de profissionais da área médica com o objetivo de avaliar os policiais lotados na RONE a fim de identificar com antecedência possíveis casos de início do estresse e de depressão com o intuito de tratá-los o mais breve possível, minimizando as consequências adversas que podem ser originadas dessas doenças.

Existiriam duas formas para que fosse feito esse acompanhamento. A primeira sugerida seria a estruturação de um local adequado na própria Companhia de Polícia de Choque para que, periodicamente e continuamente, as assistentes sociais e as psicólogas do Centro Terapêutico pudessem se deslocar até lá e realizar conversas, palestras e reuniões com policiais da RONE com o objetivo acima descrito.

Essa forma seria interessante com relação ao ponto de que não propiciar o deslocamento dos policiais da RONE de seu local original, isto é, da Companhia, faria com que houvesse uma resistência menor comparada com a segunda opção que seria a ida desses policiais até o Centro Terapêutico e/ou HPM para serem atendidos.

Porém, existe o ponto negativo que seria a falta de estrutura do atual local em que se encontra a Companhia de Polícia de Choque da PMPR. Ela se localiza dentro do Quartel Central Geral da PMPR, em um espaço limitado, sem muitas opções de estruturação de uma área adequada para realizar esse tipo de atendimento preventivo.

Como explicitada acima, a segunda forma de operacionalizar esse atendimento preventivo seria o deslocamento periódico e contínuo de todos os policiais da RONE, divididos em grupos a fim de otimizar o atendimento, até o Centro Terapêutico da PMPR com o intuito de serem avaliados e orientados sobre os problemas que o estresse pode gerar em suas vidas e como deve ser realizado o tratamento, em caso da doença já estar ativa.

Essa segunda maneira também demanda uma infra-estrutura adequada para ser operacionalizada. Como verificado nas entrevistas, muitas vezes as instalações atuais do Centro Terapêutico não comportam o número de atendimentos agendados e necessários. Portanto, essa estrutura desse Centro deve ser remodelada a fim de proporcionar um ambiente de trabalho adequado aos profissionais da área da saúde bem como aos pacientes a serem atendidos naquele local.

Com essa reestruturação do Centro e com instalações adequadas poderia ser iniciado esse tratamento preventivo e contínuo de policiais da RONE, os quais não fazem parte de um grupo muito grande, motivo que pode ajudar a otimizar o atendimento e a qualidade da prevenção de possíveis futuras doenças advindas da rotina estressante e estafante de trabalho por que passam rotineiramente.

Outra proposta a ser somada ao tratamento preventivo seria a estipulação de um período máximo de permanência do policial militar nas fileiras da RONE. Sugere-se o tempo limite de cinco anos ininterruptos de permanência na RONE, haja vista a rotina de trabalho desses policiais. O policial que chegasse nesse tempo limite seria permutado com outro PM lotado em algum batalhão operacional e que fosse voluntário a trabalhar na RONE.

Essa “oxigenação” do policial seria interessante, pois mudaria um pouco o seu ambiente de trabalho, além de existir a possibilidade de repasse de todos os conhecimentos e da experiência adquirida durante o período que permaneceu trabalhando na RONE.

O outro policial permutado teria a possibilidade e a motivação de desempenhar um bom trabalho na RONE, por meio da busca de conhecimentos e de experiências que anteriormente não foram possíveis.

Por último, verificou-se a necessidade de uma melhor adequação, dentro da escala de serviço dos policiais da RONE, com horários pré-estipulados para o estímulo ao esporte e ao lazer a fim de minimizar os efeitos negativos da rotina estressante de trabalho por que são submetidos esses profissionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou verificar o nível de estresse causado pelo serviço policial nos componentes das Rondas Ostensivas de Natureza Especial (RONE) da Companhia de Polícia de Choque da PMPR; além de verificar a existência e a viabilidade da adoção, por parte da Polícia Militar do Paraná, de um sistema de atendimento preventivo aos militares estaduais pertencentes a este grupo de elite.

Para o desenvolvimento do trabalho foram traçados alguns objetivos específicos que foram atingidos, conforme se pode observar.

Inicialmente, elencou-se como necessário “verificar na literatura e junto ao Serviço de Assistência Social (SAS) soluções visando minimizar o estresse dos policiais militares lotados na RONE e maximizar a qualidade de vida desses profissionais”, além de “verificar a disponibilidade de tratamentos e apoio psicológico para os policiais dentro da PMPR”; haja vista que o estresse causado pelo trabalho pode se refletir em problemas familiares e pessoais na vida particular de cada profissional.

Por meio de um questionário com uma amostra de cinquenta policiais da RONE, verificou-se que 38% dos entrevistados nunca haviam se consultado com um psicólogo ou psiquiatra. Também ficou constatado que para um contingente que costumeiramente fica exposto a situações de extremo perigo, as quais com grandes probabilidades resultam em perdas de vidas, o acompanhamento médico-psicológico é deficitário. A visita a esses profissionais foi rarefeita, culminando no envio de tropa à atividade de policiamento de alto risco, sem a consequente avaliação por profissionais da área médico-psicológica.

Tal questão também foi verificada por meio das entrevistas realizadas, mais especificamente com a Dr^a Gisele Laguna Vitória, médica psiquiatra do Hospital da Polícia Militar e com a assistente social do Centro Terapêutico do Hospital da Polícia Militar, Sr^a Joelma Arlindo Viana. Elas informaram que atualmente não existe um sistema preventivo de doenças como estresse, apenas há um protocolo de atendimento pós-confronto armado, em que existe um encaminhamento ao Centro Terapêutico da PMPR para avaliação dos policiais que se envolvam nesse tipo de confronto.

Por este motivo, foi proposto por este estudo a implantação e a operacionalização de um tratamento preventivo que se constituiria de um acompanhamento constante e contínuo de profissionais da área médica com o objetivo de avaliarem os policiais lotados na RONE a fim de poderem identificar com antecedência possíveis casos de início do estresse e de depressão com o intuito de tratarem o mais breve possível, minimizando as conseqüências adversas que podem ser originadas dessas doenças.

Como terceiro objetivo específico, procurou-se “levantar, por meio de pesquisa de campo, o nível de estresse profissional dos policiais da RONE”. Atingiu-se esse objetivo por meio de questionamentos a uma amostra de cinquenta policiais militares sobre o estresse a que são submetidos em suas rotinas diárias de trabalho.

No tocante a este ponto, foi verificado que aproximadamente 50% do público alvo consideraram a jornada de trabalho estressante. Porém, vale salientar que os policiais não foram submetidos a nenhuma aplicação científica que pudesse revelar com precisão o verdadeiro grau de estresse que a jornada de trabalho a que os integrantes da RONE são expostos.

Por meio do questionário aplicado, verificou-se, por amostragem, que quase 70% do efetivo avaliado é submetido a uma jornada de trabalho causticante, a qual consegue produzir cansaço e fadiga nos policiais. Somente 4% responderam que nunca se sentiram desgastados fisicamente.

A maior parte da tropa demonstrou, por meio das respostas que, raramente sente sintomas de nervosismo, o que não quer dizer que não seja acometida de nenhum mal; tal afirmação tem fundamento face aos 36 % do público alvo sentir os mesmos sintomas, frequentemente.

No item irritabilidade, mais da metade dos policiais que responderam ao questionário, raramente incomoda-se por qualquer coisa; mostra que possuem controle emocional, o qual é um fator indispensável em uma força policial especial.

Exatamente 50% não se sentem com raiva, zangado ou irado. Mas 34% responderam que sentem raiva, ira ou agonia. Se levar em consideração que os resultados são frutos de pesquisa por amostragem, somos levados a inferir que num universo maior é uma tropa que demanda atenção especial.

Dores no estômago por vezes podem indicar ligação com o nível de exposição a estresse provocado por diversos motivos, dentre eles, o serviço policial. Em alguns casos podem se transformar em problemas gástricos mais severos. Notou-se que essa manifestação não é muito peculiar no público investigado, perfazendo um total de 18% dos questionados.

A tensão e o grau elevado de vigilância a que são expostos tais profissionais os leva a permanecerem em estado de alerta durante todo o turno de serviço. Aliado ao grau de perigo e a preocupação de realizarem suas atividades sempre com grau de excelência, exigindo-se de si próprios o limite do que se pode apresentar, tudo no sentido de permanecerem com o "status" de especiais.

A apresentação de insônia não se mostrou como um dos fatores mais preocupantes. Entretanto, não se pode menosprezar esse indicador, em face de um percentual considerável sentir essas manifestações de estresse, se se levar em consideração que a pesquisa foi realizada por amostragem.

Também ficou amplamente confirmado num universo de 48 % dos questionados que a vida conjugal é interferida pela atividade desenvolvida pela necessidade da profissão que abraçaram, pois 52% dos questionados afirmaram que o trabalho causa problemas em sua vida conjugal.

Por fim, verificou-se que 8% dos questionados já sentiram o desejo de suicídio, o que revela uma realidade alarmante. Dessa forma, é interessante observar ter ficado claro que, em virtude dos dados, sentimentos e situações levantadas nos questionários, resta evidenciando que parte dos policiais da RONE sofre de estresse, o qual interfere na vida profissional e pessoal desses profissionais.

Portanto, a proposta da criação de um sistema que previna e minimize os efeitos desse estresse, além de ser importante para melhorar a qualidade de vida do policial, para a segurança da praça ou oficial, além de outras vantagens, servirá também para melhorar a união e o desempenho dos policiais da RONE em seu serviço diário.

Como quarto e quinto objetivos específicos buscou-se "verificar, por meio de pesquisa de campo, os fatores que contribuem para o estresse dos policiais da RONE" e "levantar dados a respeito da carga de trabalho da RONE, com relação ao quantitativo de ocorrências policiais e com relação à qualidade de seu atendimento"

Esses objetivos foram atingidos também por meio das respostas dos questionários entregues.

Ficou evidenciado que o contingente humano da RONE é insuficiente para o atendimento da demanda de ocorrências, o que gera desgaste físico e mental nos policiais, uma vez que se vêem diante de impossibilidades para proporcionar um desempenho melhor, que não resulte em frustrações no sentimento do cumprimento do dever.

Também restou comprovado que as atividades levadas a efeito pelos policiais militares da RONE, são extremamente perigosas, o que lhes submetem a uma exposição prolongada em estado de permanente vigilância. As escalas extras também são uma constante na vida dos integrantes da tropa em questão. Não raras vezes são retirados do aconchego do lar, em seus períodos de folga e descanso, para atender determinações para o cumprimento de atividades estranhas à normalidade da rotina, ficando prejudicada a reposição das energias, permanecendo novamente expostos à vigilância que a natureza do serviço requer.

Com relação às atividades de lazer, verificou-se que há uma baixíssima frequência dessas atividades por integrantes da RONE. 82% dos policiais disseram que raramente ocorre esse tipo de atividade e 8% afirmam que nunca ocorre. Esses percentuais são preocupantes, haja vista que iniciativas para tal desiderato não são realizadas com a frequência devida, fato comprovado pela ocorrência permanente de escalas extras.

Outro ponto é o envolvimento de policiais da RONE em confrontos armados. 82% dos questionados afirmaram que já participaram desse tipo de confronto. Notou-se que contingente policial considerável se envolveu em riscos extremos, com grande probabilidade de serem alvejados.

Também ficou evidenciado que 66 % dos policiais da RONE questionados já se envolveram em um confronto armado por mais de uma vez, o que é altamente preocupante ou até mesmo alarmante, tendo em vista que a carga de estresse sofrida em experiências do gênero é incomum. Por fim, 76% dos policiais questionados responderam que houve a ocorrência de óbito do marginal nos confrontos armados enfrentados.

Por tudo isso, foi possível atingir de maneira satisfatória o objetivo geral e os objetivos específicos traçados para este trabalho.

Dessa forma, o presente trabalho acadêmico procurou chamar a atenção para um problema sério que é o estresse causado pelo serviço policial nos componentes das Rondas Ostensivas de Natureza Especial (RONE) da Companhia de Polícia de Choque da PMPR.

Como não poderia deixar de ser, não se esgota a discussão sobre o tema, pelo contrário, caso leve à preocupação e conduza a novos estudos e melhores propostas por parte da Corporação, com certeza atingirão seu objetivo maior que é despertar na instituição a preocupação pela saúde e pela qualidade de vida do policial que diuturnamente atua no combate da criminalidade, exposto à vasta gama de perigos em sua rotina diária de trabalho.

REFERÊNCIAS

- BALLONE, G. J. **A Relatividade do Conceito de Trauma**. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/voce/postrauma.html>>. Acesso em 26 dez. 2008.
- BITTNER, E. **Aspectos do Trabalho Policial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BOURGUIGNON, D. R. **Análise das condições de trabalho e saúde da polícia civil do Espírito Santo**: Relatório de Pesquisa. Vitória: FUNDACENTRO, 1996.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de Recursos Humanos**. Fundamentos Básicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999
- CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos Humanos**. São Paulo: Atlas, 1990.
- COMPANHIA DE POLÍCIA DE CHOQUE DA PMPR. **Normas Gerais de Ação da RONE**. Curitiba: PMPR, 1992.
- COSTA, Volney Lopes de Araújo. **Aspectos da sexualidade do portador de psoríase**: relato de um caso. São Paulo: USP, 2005.
- DEJOURS, C; ABDOUCHELLI, E; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação do prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Era, 1993.
- DEJOURS, C; DESSORS, D; DESRIAUX, F. **Por um trabalho**: fator de equilíbrio. São Paulo: Era, 1993.
- ELIOT, Robert S. **Estresse e o coração**. Rio de Janeiro: Livraria e editora Revinter, 1992.
- FERNANDES, N; CHOFARD, G. **Sociologia Criminal**. São Paulo: Rumo, 1995.
- GIL, Antônio Carlos. **Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1989.
- JORNAL ZERO HORA. **A violência e o estresse**. Porto Alegre: 15 de julho de 2000, p.15.
- KAPLAN, Harold I, M.D, e SADOCK, Benjamin J, M.D. **Compêndio de Psiquiatria**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- KAPLAN, Harold I, M.D, e SADOCK, Benjamin J, M.D. **Compêndio de Psiquiatria**. 6ª ed. Porto Alegre : Artes Médicas. 1993.
- KARL , Albrecht. **Revolução nos serviços**. São Paulo: Pioneira, 1994.
- LIGER, Sandra. **A administração de conflitos e prevenção do stress**. Porto Alegre: Work Plan planejamento Empresarial, 1999.
- LIMA, J.C. **Estresse Policial**. 1. ed. Curitiba: Associação da Vila Militar – Publicações Técnicas, 2002.

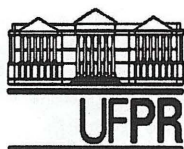
- LIPP, Marilda Novaes. **Como enfrentar o stress**. São Paulo: Ícone, 1996.
- LIPP, Marilda Novaes. **Inventário de Sintomas de estresse (ISS)**. São Paulo: Universidade de Campinas, 1989.
- LIPP, Marilda Novaes. **Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 1994.
- MAZZILLI, Cláudio et. al. **O significado do trabalho no setor público: um estudo exploratório**. Porto Alegre: PUC, 1998.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- NAKAIAMA, Marina Keiko. **A influência da cultura organizacional na predisposição do gerente ao estresse ocupacional**. Porto Alegre: UFERGS, 1997.
- OLIVEIRA, Silvio L. de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Loyola, 1998.
- PIRES, W. **Qualidade de Vida**. Campinas: Cartgraf, 1996.
- POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, Centro de Aperfeiçoamento e Estudos Superiores, **O fenômeno burnout na polícia militar do Paraná**. Ten Cel PMPR Flávio de Modesti, CSPM 1994, 77 p.
- REINER, R. **A Política da Polícia**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2004.
- RIBEIRO, Ib Martins. **O estresse policial**. Rio de Janeiro: PMERJ, 1993.
- ROSSI, Ana Maria. **O estresse**. Porto Alegre: TV Educativa, 1995.
- SANTOS, Osmar S. Almeida. **Ninguém morre de trabalhar: o mito do stress**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Capacitação Bancária, 1988.
- SELYE, Hans. **O estresse da vida**. Nova York: Mcgraw Hill, 1956.
- SILVA, Sara Cristina da. **O estresse do policial militar do Estado de Mato Grosso: condições de trabalho do policial militar**. Várzea Grande: Academia de Polícia Militar Costa Verde, 2004.
- SOLOMON, Roger M. Ph. O. **Trauma pós-tiroteio**. O Estresse Policial. Revista especial publicada pela PM do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Brasil. pp. 29-36. Jan./1993.
- TEDESCHI, Valdir. **Stress do policial nos confrontos armados**, Monografia apresentada ao Curso: Bases Científicas do Treinamento Desportivo, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 1995.
- TZU, S. **A arte da Guerra**. 1. ed. São Paulo: L&PM, 2000.

VALLA, Wilson Odirley. **Doutrina de emprego de polícia militar e bombeiro militar**. Curitiba: AVM, 1999.

VIOLANTI, John M. **Padrões de Estresse no Trabalho Policial**. O Estresse Policial. Revista especial publicada pela PM do RJ. Rio de Janeiro: Brasil. pp. 19-28. Jan./1993

WEISS, D.H. **Administre o stress**. São Paulo: Nobel, 1991.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
CURSO SUPERIOR DE POLÍCIA**



QUESTIONÁRIO

Caro policial militar, somos Oficiais Alunos do Curso Superior de Polícia da Academia Polícia Militar do Guatupê e estamos realizando uma pesquisa técnico-científica sobre o tema "O Estresse causado pelo serviço policial nos integrantes das Rondas Ostensivas de Natureza Especial da Companhia de Polícia de Choque da Polícia Militar do Paraná" com o objetivo de detectar o nível de estresse encontrado na atividade operacional do policial militar. Assim, solicito sua participação para responder algumas questões sobre as atividades que você realiza e as dificuldades que encontra nessa prática. As questões são objetivas, para que você escolha somente uma das alternativas. Sua participação é importante para realização deste trabalho. Não é necessário identificar-se. Você está preservado para poder responder com liberdade todas as perguntas.

Obrigado.

MAJOR QOPM Lorival da Cunha Sobrinho / MAJOR QOPM Nerino Mariano de Brito
Oficiais Alunos do CSP

1. Qual sua idade?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Menos de 25 anos | <input type="checkbox"/> Entre 26 e 30 anos |
| <input type="checkbox"/> Entre 31 e 35 anos | <input type="checkbox"/> Entre 36 e 40 anos |
| <input type="checkbox"/> Mais de 40 anos | |

2. Você considera sua jornada de trabalho estressante?

- Pouco Bastante Não Normal

3. Há quanto tempo trabalha na RONE?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Menos de 01 ano | <input type="checkbox"/> Entre 01 e 05 anos |
| <input type="checkbox"/> Entre 05 e 10 anos | <input type="checkbox"/> Mais de 10 anos |

4. Qual sua escala de serviço?

- 24/24h 12/36h 6/18h 24/72h

5. Você considera o efetivo da sua Unidade suficiente para o bom desempenho das atividades da Unidade, sem causar desgaste físico e mental nos policiais?

- Sim Não

6. As situações em que se envolve durante a sua jornada de trabalho apresentam um alto grau de periculosidade?

Frequentemente Raramente Nunca

7. Com que frequência concorre a escalas extras?

Frequentemente Raramente Nunca

8. Dentro do ambiente profissional (unidade), tem havido atividades de lazer?

Frequentemente Raramente Nunca

9. Já participou de confronto armado?

Sim Não

10. Mais de uma vez?

Não Sim

11. Resultou em óbito?

Não Sim

12. Em casa, após sua jornada de trabalho você costuma sentir:

a) Fadiga (cansaço)

Frequentemente Raramente Nunca

b) Nervosismo (agitação, afobação fora do normal):

Frequentemente Raramente Nunca

c) Irritabilidade (incomoda-se por qualquer coisa):

Frequentemente Raramente Nunca

d) Sentimento de raiva (zangado, irado, agoniado):

Frequentemente Raramente Nunca

e) Período de depressão:

Frequentemente Raramente Nunca

f) Dor no estômago:

Frequentemente Raramente Nunca

g) Dor no músculo do pescoço e ombros:

Frequentemente Raramente Nunca

h) Dificuldade para dormir:

Frequentemente Raramente Nunca

13. Há quanto tempo foi sua última consulta a um psicólogo ou psiquiatra?

Menos de 01 mês Entre 01 e 04 meses
 Entre 05 e 08 meses Entre 09 e 12 meses
 Há mais de 12 meses Nunca consultei

14. Você faz uso de álcool com qual frequência por semana?

Uma vez Entre 02 e 03 vezes
 Entre 04 e 05 vezes Diariamente
 Nunca

15. Faz/fez uso de substância entorpecente?

Uma vez Entre 02 e 03 vezes
 Entre 04 e 05 vezes Diariamente
 Nunca

16. Quanto ao seu estado civil

Solteiro Casado
 União estável Separado Judicialmente
 Divorciado

17. A sua atividade profissional interfere na sua relação conjugal?

Sim Não

18. Já sentiu desejo de suicídio?

Sim Não

APÊNDICE B – ENTREVISTAS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
CURSO SUPERIOR DE POLÍCIA**



**ENTREVISTA 1 – Sr^a Joelma Arlindo Viana – Assistente social do Centro
Terapêutico da PMPR**

1. Gostaria que a Sr^a falasse um pouco da atividade desenvolvida no Centro Terapêutico do Hospital da Polícia Militar com os policiais que se envolvem em confronto armado.
2. Com relação aos policiais da RONE, você poderia falar sobre o índice de militares da RONE que são atendidos no Centro Terapêutico?
3. Existem policiais que vêm várias vezes?
4. Fora o motivo do confronto armado, os policiais da RONE procuram o Centro Terapêutico por algum outro motivo e/ou de forma preventiva?
5. Qual o índice de alcoolismo nos policiais da RONE?
6. Já houve algum caso de envolvimento com entorpecente com policiais da RONE?
7. Na triagem e/ou na entrevista com as psicólogas e as assistentes sociais, o policiais da RONE chegam a tecer comentários sobre a vida particular, vida conjugal ou familiar, isto é, se essa atividade da RONE chega a contribuir com algum transtorno no ambiente de família?
8. Os policiais chegam a justificar que estão tendo dificuldades com a família por causa do trabalho na RONE?
9. O que é desenvolvido pelo Centro Terapêutico para minimizar esse problema com o pessoal da RONE?

10. Como são os índices pela procura preventiva?

11. A estrutura atual do Centro Terapêutico teria condições de atender um trabalho preventivo?

12. Esse trabalho preventivo seria benéfico?

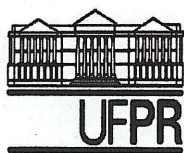
13. Já existiram casos de policiais da RONE que tiveram o desejo de suicídio? Qual o índice de incidência?

14. A Sr^a pode fazer uma consideração particular sobre o estresse na Polícia Militar como um todo?

15. Você acha que melhoraria a procura por tratamento se houvesse uma campanha para desmistificar esse mito que existe em torno de uma consulta com um psicólogo no Centro Terapêutico ou então com o próprio psiquiatra no HPM?

16. Como é o acompanhamento da família durante os tratamentos?

17. Com relação aos policiais da RONE que se envolvem em confrontos armados, essa participação da família ela também se faz presente aqui ou como é que funciona isso?

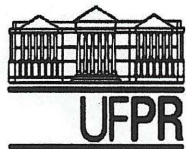


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
CURSO SUPERIOR DE POLÍCIA**



ENTREVISTA 2 – Sr^a Gisele Laguna Vitória – Médica psiquiatra do Hospital da Polícia Militar do Paraná

1. A Sr^a pode falar algo sobre o nível de estresse ou o nível de procura, o índice de procura de policiais da RONE em consulta psiquiátrica.
2. Nos questionários ficou evidenciado que o número de pessoas que se envolveram em confrontos armados é alto. A que se deve esse índice baixo de procura por um tratamento psiquiátrico, ou uma consulta?
3. Existe algo como um protocolo de prevenção ao atingimento a níveis alarmantes de estresse?
4. A Sr^a acredita que o centro terapêutico tem estrutura para absorver uma possível demanda preventiva
5. Clinicamente falando, no questionário ficou evidenciado que neste universo de cinquenta policiais, grande parte deles, quase que cinquenta por cento, é uma tropa madura, de trinta a quarenta anos, mas com pouco tempo de serviço na RONE (cinco anos). Seria uma alternativa válida limitar o tempo de permanência na RONE por causa do alto índice de estresse pelo qual esse pessoal suporta?
6. A Sr^a pode fazer alguma contribuição com relação ao pessoal da RONE relativo a esse estresse que eles enfrentam em sua rotina de trabalho?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
CURSO SUPERIOR DE POLÍCIA**



**ENTREVISTA 3 – 1º Ten. QOPM Gustavo Dalledone Zancan – Respondendo
pelo Comando da RONE**

1. Fale sobre a atividade desenvolvida pela RONE na atualidade?
2. O que diferencia o radiopatrulhamento de alto risco do trabalho das demais unidades da Polícia Militar?
3. Quais são os tipos de ações mais freqüentes que a tropa se depara?
4. Pode-se considerar então que essa atividade que a RONE leva a efeito tem um alto índice de estresse. Você poderia comentar alguma coisa sobre isso?
5. Tendo em vista que essa tropa fica exposta a esse índice de estresse, a companhia de choque tem envidado esforços ou feito alguma coisa no sentido de que esse estresse fosse minimizado?
6. Em alguns casos mais graves em que o policial passa a aparentar um desequilíbrio emocional devido ao estresse que ele fica exposto, quais são as medidas tomadas com relação a esse individuo?
7. Com relação ao número de confrontos que os policiais da RONE se envolvem, confrontos armados; esse acompanhamento também é levado a efeito e, como que o comando acompanha isso, como é que o comando ele monitora esses policiais, quais são as medidas adotadas, enfim, gostaria que você comentasse um pouco sobre esses policiais que entram em confronto armado?

8. Com relação à convivência familiar dos policiais da RONE, tem-se conhecimento de alguma desavença, algum desequilíbrio conjugal por causa da atividade levada a afeito pela RONE para com esses integrantes em suas famílias?

9. 7. As viagens para o interior do Estado, por causa da responsabilidade territorial no Estado inteiro, contribui de alguma forma para o afastamento do Pm da RONE do seio do lar?

10. Tendo em vista que esses policiais fazem parte de uma força de elite; eles fazem de tudo, dão o máximo de si para que as ações sejam sempre bem sucedidas. Este rótulo, esta responsabilidade poderia de alguma forma contribuir para a elevação do nível de estresse nos próprios integrantes?

11. Para finalizar, alguma consideração pessoal sua sobre a atividade desenvolvida pela RONE e pelos próprios integrantes ou sobre os próprios integrantes? O que você consideraria em últimas palavras?